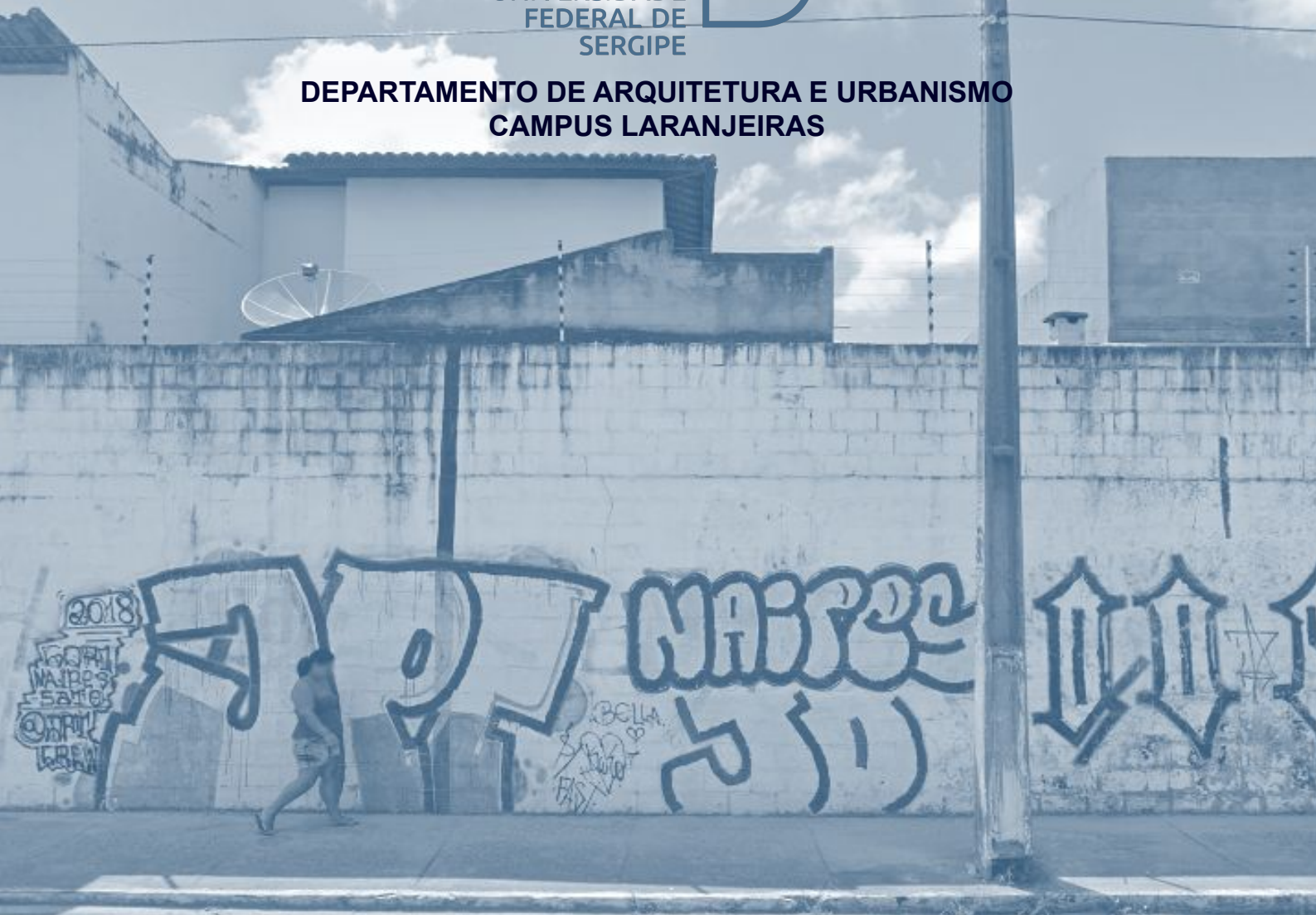




UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS LARANJEIRAS



O Imaginário do condômino, sobre o morar entre muros:

O caso do condomínio Vivendas de Aracaju

LARANJEIRAS, SERGIPE
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS LARANJEIRAS**

MARCUS VINICIUS SOUSA DE ANDRADE

**O Imaginário do condômino, sobre o morar entre muros:
O caso do condomínio Vivendas de Aracaju**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Orientadora: Ana Maria de Souza Martins Farias.

**LARANJEIRAS, SERGIPE
2020**

MARCUS VINICIUS SOUSA DE ANDRADE

**O Imaginário do condômino, sobre o morar entre muros:
O caso do condomínio Vivendas de Aracaju.**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à seguinte banca examinadora:

Ana Maria de Souza Martins Farias (orientadora)
Universidade Federal de Sergipe

Lina Martins de Carvalho (examinadora interna)
Universidade Federal de Sergipe

Públio Pereira da Silva Filho (examinador externo)
Arquiteto e Urbanista

LARANJEIRAS, SERGIPE, ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo em todo o seu misticismo por me proporcionar a possibilidade de estudar e me formar e ter podido aprender uma profissão e mais sobre quem sou. Aos meus pais Zé Lino e Laurinete por todo o cuidado e dedicação na minha criação, principalmente a minha mãe que tanto sonhou com a minha formação e lutou pela minha educação. A minha querida irmã Mariana por todo apoio, ao longo da vida e do curso. Vocês são preciosos para mim, amo vocês!

Ao meu companheiro de vida, Gabriel da Luz por todo amor, apoio, paciência e contribuição para a minha formação. Agradeço aos meus tios e tias, família Bispo, os quais eu sei fizeram parte da minha formação como pessoa e também torceram por esse momento. Amo vocês!

Aos queridos amigos que a universidade me proporcionou, por toda amizade e quando essa foi alívio nos momentos difíceis desta trajetória: meu grande amigo Ptrucio, o qual compartilhei as melhores e as piores experiências ao longo da vida acadêmica, passamos perrengues juntos na UFS e na UFMG. Aos meus amados amigos Mayra, Lívia, Públio, Heitor e Poliana esse processo foi mais leve e divertido com vocês.

As minhas amigas: Vanicléia, Juliana, Sâmia, Suyane e Rita, vocês são família do coração e também fazem parte dessa trajetória. Aos meus sogros Eliane e Sérgio, por me acolherem na família de vocês.

Aos meus professores da UFS e UFMG por todo o aprendizado e conhecimento compartilhado. A minha orientadora, a professora Ana Maria Farias, por todo o comprometimento e contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

Sou grato também à cidade de Aracaju que me acolheu, me formou enquanto cidadão e trouxe a oportunidade de poder estudar em uma universidade pública. Como também ao bairro Siqueira Campos, onde vivi 16 anos da minha vida e despertou as questões que nortearam esse trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jovens pretos abordados por policiais em shopping.	29
Figura 2: Mapa de Aracaju.	40
Figura 3: Primeiro templo da Assembleia de Deus.	42
Figura 4: Cine Vera Cruz na rua Carlos Correia.	43
Figura 5: Mapa com principais pontos do Siqueira Campos.	45
Figura 6: Clínicas presentes ao decorrer da rua Bahia.	46
Figura 7: Localização do Condomínio Vivendas de Aracaju.	49
Figura 8: Banner inserido na entrada principal do Vivendas de Aracaju.	50
Figura 9: Mapa com a localização das entradas do Condomínio.	50
Figura 10: Mapa indicando o Vivendas e conjuntos adjacentes.	51
Figura 11: Setorização das áreas comuns do Vivendas.	52
Figura 12: Comércio interno.	52
Figura 13: Equipamentos de atividade física.	53
Figura 14: Praça do Vivendas.	53
Figura 15: Quiosque em uma das praças do Vivendas.	54
Figura 16: Sinalização das ruas.	54
Figura 17: Sinalização de câmera de segurança.	55
Figura 18: Sinalização destinada aos donos de cachorro de estimação.	55
Figura 19: Poste dificultando a caminhabilidade na calçada.	56
Figura 20: Corredor de passagem localizado entre os lotes.	56
Figura 21: Rua do Condomínio Vivendas de Aracaju.	57
Figura 22: Rua do Conjunto Costa e Silva.	58
Figura 23: Rua Acre, a presença do comércio e do muro do Vivendas.	59
Figura 24: Final da rua Distrito Federal no muro do Vivendas.	60
Figura 25: Final da rua Bahia no muro do Vivendas.	60
Figura 26: Tv. Campo do Brito e o muro do Vivendas.	61
Figura 27: Entrada principal do Condomínio na Av. Augusto Franco.	61
Figura 28: Casa térrea padrão da construtora	62
Figura 29: Tipologia das habitações do Vivendas de Aracaju.	63
Figura 30: Residência que foi totalmente demolida.	63
Figura 31: Casa padrão da construtora e uma que passou por reformas.	64
Figura 32: Casa totalmente modificada em relação as construídas pela Norcon.	65
Figura 33: Contraste entre casa reformada e uma padrão da construtora.	65
Figura 34: O valor médio de imóveis no Vivendas de Aracaju.	66
Figura 35: Carros estacionados nas ruas do Vivendas.	67
Figura 36: Reivindicações dos moradores em assembleia do Condomínio.	68
Figura 37: Questionário e gráfico aplicado em assembleia.	69

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o imaginário do morador do condomínio fechado, enquanto usuário de uma segurança mercadoria, a sua forma de morar e os consequentes impactos desta sobre a cidade. Para tanto, adotou-se como estudo de caso o Condomínio Vivendas de Aracaju devido ao fato de ser o condomínio com maior número de habitações na cidade de Aracaju, totalizando 485 residências. Para desenvolvimento do presente trabalho foi utilizada uma metodologia com abordagem qualitativa, partindo-se de conversas com condôminos considerados como informantes chaves, como também através da construção de pensamento embasado no referencial teórico, a fim de compreender os mecanismos do sistema capitalista, na lógica do mercado, criando novas formas de morar e um imaginário específico desse consumidor. Assim, a partir da análise das narrativas dos condôminos foi possível observar uma cristalização da visão de cidade destes, justificada pelo pensamento desenvolvido juntamente com o referencial teórico adotado.

Palavras-chave: Medo; Insegurança; Segurança; Mercado; Condomínio fechado.

ABSTRACT

This work's goal is to analyse the imaginary of the inhabitants of gated communities, as users of security as a commodity, their form of living and the subsequent impacts of it over the city. For such, the Condomínio Vivendas de Aracaju was elected as case study for being the gated community with the largest number of homes in the city of Aracaju, in total 485 residences. To develop the present work a methodology with qualitative approach was utilized, departing from conversations with tenants considered as key informants, as through construction of thought grounded on a theoretical reference, to comprehend the mechanisms of the capitalist system, in the market logic, creating new forms of living and a specific imaginary of this consumer. Thereby, through the analysis of the tenant's narratives it was possible to observe a crystallization of their vision of the city justified by the thinking developed together with the adopted theoretical references.

Key words: Fear; Insecurity; Security; Market; Gated Community.

RESUMEN

El alvo de este trabajo es analizar el imaginario del habitante del condominio datado, en cuanto usuário de una seguridad mercancía, su forma de vivir y los consecuentes impactos de esta sobre la ciudad. Para tanto, se ha adoptado como estudio de caso el Condomínio Vivendas de Aracaju por el facto de ser el condominio con el más grande número de habitaciones en la ciudad de Aracaju, en total 485 residencias. Para el desarrollo del presente trabajo ha sido utilizada una metodología con enfoque cualitativo, partiendo de las charlas con inquilinos considerados como informantes clave, así como a través de la construcción de pensamiento basado en el referencial teórico, a fin de comprender los mecanismos del sistema capitalista, en la lógica del mercado, creando nuevas formas de vivir y consecuentemente un imaginário de este consumidor. Así, partiendo del análisis de las narrativas de los inquilinos se hizo posible observar una cristalización de la visión de ciudad de estes, justificada por el pensamiento desarrollado junto al referencial teórico adoptado.

Palabras clave: Miedo; Inseguridad; Seguridad; Mercado; Condomínio datado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 SOBRE O ESPAÇO PÚBLICO	14
2.1.1 A ação comunicativa de Habermas	19
2.2 MUROS INVISÍVEIS	22
2.2.1 O medo do outro	22
2.2.2 Um olhar sobre o Brasil	25
2.3 A FUGA DO ESPAÇO PÚBLICO	30
2.3.1 Medo e mercado	32
2.3.2 Muros do morar	35
3 ESTUDO DE CASO	39
3.1 O SIQUEIRA CAMPOS	40
3.1.1 Breve contexto histórico	40
3.1.2 O Siqueira nos dias de hoje	44
3.2 METODOLOGIA	48
3.2.1 Pesquisa etnográfica	48
3.3 CONDOMÍNIO VIVENDAS DE ARACAJU	49
3.3.1 Caracterização Geral do Condomínio	49
3.3.2 Aspectos gerais do interior do Vivendas de Aracaju	52
3.3.3 Entorno Imediato	57
3.3.4 Habitações	62
3.4 ANÁLISE DE RESULTADOS	70
3.4.1 A necessidade de muros	70
3.4.2 O morar murado	73
3.4.3 O Imaginário do condômino sobre o morar murado	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	91
CRÉDITOS DAS FOTO DE CAPA	116

INTRODUÇÃO

A vivência do cotidiano enquanto indivíduo no espaço da cidade, juntamente com a formação em arquitetura e urbanismo em uma pública e sua diversidade, possibilitou o desenvolvimento de um olhar crítico enquanto cidadão e profissional. E como o sistema capitalista de mercado atua nos espaços da cidade, separando e higienizando. Este trabalho, quando só ideia, nasceu da vontade de estudar essa desigualdade citadina e as decorrências da privação ao espaço; inicialmente pensado como análise do sistema carcerário prisional, evoluindo e se voltando às grades e muros que há em torno daqueles que 'não cometeram' delito algum, às grades e muros dos condomínios fechados.

Atualmente vive-se com medo, medo de ser assaltado no transporte público, medo de estar em determinada rua dependendo do horário, medo da violência e da ameaça à vida. A percepção de que a violência urbana está em alta é um dos agentes responsáveis por moldar essa relação de insegurança e rejeição aos espaços públicos da cidade, alimentada por uma frequente abordagem sensacionalista da violência pelos meios de comunicação de massa. Assim o medo se perpetua a partir de ameaças reais, como também a partir do imaginário que se cria em torno da violência perpetrada por um possível inimigo.

Os espaços públicos têm suma importância nas cidades e na qualidade de vida dos seus moradores, é lugar de encontro da vida cotidiana, encontro com as diferenças, encontro de expressão política; é espaço heterogêneo sem preocupação de ser. Sendo importante a compreensão de que a vida nos espaços públicos da cidade podem atenuar questões de insegurança na cidade, através da construção de uma comunidade relacional e com uma identidade coletiva baseada no convívio com as diferenças.

Ao perceber como os espaços públicos e a vida social vem tendo sua dinâmica alterada pelo medo presente na sociedade em detrimento de espaços privados, como cidadão e futuro profissional que dialoga com as temáticas urbanas escolhi analisar essa modalidade do morar enclausurado, o condomínio horizontal fechado, a casa inserida num espaço tido como seguro. A escolha do tema justifica-se a partir de como esse fenômeno vem ocorrendo nas grandes cidades e está se espalhando

para cidades de médio porte, como Aracaju, trazendo um modelo de moradia que é justificada pela segurança e alterando as relações com o morar e com a cidade.

Diante desse quadro a moradia contemporânea agrega a sua arquitetura elementos de proteção e vigilância, como cercas elétricas, câmeras de segurança, guaritas, muros. Seguindo a lógica da necessidade de proteção e da insegurança dos espaços públicos, os condomínios fechados surgem como opção para todo aquele que pode pagar por uma moradia supostamente imune ao caos urbano. Esses espaços mimetizam a cidade de forma higienizada, se fechando para ela e segregando seus espaços socialmente. São espaços desconectados da realidade em que estão inseridos.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar quais fatores levam ao enclausuramento da sociedade contemporânea, e os imaginários que se criam a respeito dessa vivência de cidade. Ficam definidos dois objetivos específicos: analisar o imaginário dos condôminos, sua forma de morar, e como essa modalidade do morar seguro - fruto dos modelos capitalista de combate a essa insegurança urbana - pode acabar influenciando em uma visão homogeneizada da cidade?

Neste empenho, apresenta-se um estudo de caso, de uma arquitetura de muros - que delimitam e separam, especificamente o caso do Condomínio Vivendas de Aracaju, condomínio fechado horizontal com o maior número de residências na cidade de Aracaju, localizado na Zona Oeste da cidade, no bairro Siqueira Campos. Onde para desenvolvimento dos objetivos deste trabalho, adotou-se uma metodologia qualitativa a partir das narrativas dos condôminos, sendo estipulado um número de 20 informantes-chaves a fim de averiguar o imaginário destes sobre o morar murado.

Para elaboração e desenvolvimento do referencial teórico, buscou-se uma construção de raciocínio que parte do esboço das relações do espaço público na antiguidade, bem como os conceitos que surgem de público e privado, passando por leituras do pensamento de Hannah Arendt e Habermas. Em sequência, embasado por apontamentos de Bauman sobre o mal das grandes cidades, o medo do outro, chegando a uma análise sobre o Brasil a partir do olhar do branco europeu, sua

narrativa sobre o novo mundo e como isso culminou na estrutura racista em que vivemos e suas consequências opressoras e de marginalização sobre corpos pretos.

No capítulo 2.1 deste trabalho fica contornada a abordagem que será dada ao espaço público e apresenta-se ainda a noção de ação comunicativa elaborada por Habermas. No capítulo 2.2 entra na análise a elaboração de Bauman sobre o medo, conjugada ao panorama brasileiro. Em seguida, no capítulo 2.3 trata-se do esvaziamento do público e da apropriação da segurança enquanto objeto de consumo e enquanto modalidade do morar. O capítulo 3 traz para o trabalho o estudo de caso do Condomínio Vivendas de Aracaju, com breve histórico do bairro Siqueira Campos, a apresentação da metodologia aplicada à pesquisa a partir de conversas com condôminos e a consequente produção de uma análise sobre o imaginário destes.

Isso se alinha à análise da fuga do espaço público e de como a marginalização dos corpos, juntamente com a desigualdade social, cria a necessidade em grupos de alto poder de consumo da busca por espaços (em sua maioria privados ou semi privados) que restringem o acesso daqueles que os são indesejáveis. Assim utilizo a obra de Guy Debord, *Sociedade do Espetáculo*, e a sua visão: de que o mundo capitalista é o mundo da representação, do pseudo-uso da vida e que a sua unidade é na verdade a proclamação da divisão de classe.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOBRE O ESPAÇO PÚBLICO

A cidade - enquanto conjunto de espaços públicos - ela é plural, ela tem vida, sua paisagem é formada a cada momento por situações inesperadas, como afirma Rogério Proença Leite “[...] a cidade é sempre o resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas.” (2004, p. 212). Ela simplesmente acontece à sua vontade, é espaço indomável a qual caracteriza Roberto DaMatta: “Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos [...]” (1991, p. 39).

O espaço público, assume a qualidade de palco da vida, lugar de encontrar e encarar as diferenças, lugar onde as relações e situações inéditas podem ocorrer. Sendo assim, podemos atribuir a ele o lugar onde se constrói e se reivindicam direitos, na prática, no dia a dia. Isso confere à urbe suma importância na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Em sua tese, Cesar Matos Silva, afirma que o espaço público, no seu sentido oposto ao que é privado: restrito, é uma espacialidade urbana aberta, e por isso sujeita a uma valoração positiva para novas possibilidades nas cidades contemporâneas (SILVA, 2009, p. 16).

Os conceitos de público e privado começam a tomar diferenciação na Antiguidade grega clássica, onde correspondiam basicamente a uma separação tradicional do papel social do homem e da mulher. Os assuntos da esfera pública, do coletivo, eram assuntos do homem, tratados na polis. Já os do âmbito privado, da manutenção da vida, do lar e da reprodução, caberiam à mulher. Sendo assim, é pertinente tratar dos temas da coletividade no espaço público porque nele se está livre das urgências da esfera do privado, ao que se associam as questões de sobrevivência e conseqüentemente da economia.

Cesar Matos Silva, pontua que na concepção original grega, político dizia respeito à associação dos homens enquanto coletivo e como estratégia de manutenção do comunitário. Não sendo simplesmente a associação natural, da luta pela sobrevivência - condição inerente a todos animais, não exclusivamente uma condição humana. Sendo a condição política humana (fruto da esfera pública), o que acaba por distinguir da condição animal relativa à sobrevivência e à esfera privada

do lar; onde também se complementam, visto que ter liberdade na polis significa ter obtido a vitória sobre as necessidades da esfera privada (SILVA, 2009, p. 21).

Em 'Para uma política da amizade', Francisco Ortega traz uma análise sobre a amizade, a partir de uma visão política e filosófica, com base no pensamento de Hannah Arendt, Derrida e Foucault - "críticos da despolitização e esvaziamento do espaço público". O autor pontua que existem imagens dominantes no pensamento, na política e nas relações de amizade. Onde essas imagens centralizam o nosso imaginário condicionando nossa maneira de pensar, agir, bem como nos relacionar afetivamente. Onde para a filosofia a imagem dominante seria a do pensamento representativo, na política seria a ideia de democracia representativa e política partidária, e nas relações de amizade prevaleceria a metáfora familiar (ORTEGA, 2000, p. 12).

Quando Ortega fala que a imagem dominante nas relações de amizade remetem à família, pode-se afirmar que predominam as relações de amizade entre indivíduos semelhantes, partindo-se do sentido da palavra familiar. Ortega propõe então alternativas para a superação desse imaginário, contestando a imagem familiar dominante na amizade, e claro seu sentido político. É aí que aponta para a noção do político contida nos textos de Derrida, Arendt e Foucault como alternativa ao esvaziamento do espaço público, e consequentemente à despolitização. Nesse contexto a amizade surge como possibilidade de repensar o político, como a experimentação de novas formas de sociabilidade para além das limitações de uma sociedade onde o preceito das relações se baseiam na noção de familiaridade (ORTEGA, 2000, p.13).

Sobre o conceito do político arendtiano, Ortega cita o primeiro livro da autora: As origens do totalitarismo (1951), sendo esse conceito elaborado a partir da experiência de Arendt com o nazismo na Alemanha. Assim, pontua que o totalitarismo é onde a anulação política se dá através da política, a partir do momento que se assume um "cidadão modelo do regime totalitário" e anula tudo aquilo que é diferente desse modelo, deixando de ser um mundo compartilhado, mas que busca exterminar as individualidades do homem, sendo intolerável qualquer diferença. Como sucedeu com o nazismo adotando uma raça como pura,

raça ariana, e dizimando qualquer indivíduo diferente disso. Bem como com a escravidão, onde o povo cativo trazido da África, se viu obrigado a abrir mão de sua cultura para viver a do europeu colonizador. Sobre o regime totalitário, Ortega afirma: O homem existe somente singular, como se houvesse um único indivíduo de dimensões gigantescas sobre a face da terra (ORTEGA, 2000, p. 19).

Já em seu segundo livro, “A condição humana” (1958), Arendt elabora uma construção genealógica do político enquanto espaço público, desde suas origens na Polis grega até a modernidade; e como o surgimento do social acabou com as particularidades dos indivíduos, onde na modernidade o agir é substituído por um mero comportar-se. Ortega pontua que o último capítulo da genealogia política de Arendt corresponde por um lado ao fenômeno totalitário, e por outro “à moderna sociedade de massas convertida em um imenso aparelho burocrático.” (ORTEGA, 2000, p. 20).

A visão de Arendt sobre o espaço público como político passa através de uma “ação política instantânea, múltipla: política como acontecimento e começo, como interrupção de processos automáticos”. O Espaço público é político, porque é onde habita a massa, o diverso. Estar no público é estar atento ao mundo como ele é, com seus indesejáveis marginais oprimidos por um sistema capitalista, que os explora em benefício de uma minoria que se afugenta nos enclaves da cidade contemporânea, marcadamente segregada. “Ou seja, o fim do mundo compartilhado, do espaço dos assuntos humanos, aparece no momento em que ele é visto sob um aspecto particular e não na sua multiplicidade.” (ORTEGA, 2000, p. 22). Nessa perspectiva a amizade representa um “exercício do político”, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento.

Ao passo que o conceito burguês de propriedade privada se implanta, com a passagem do antigo para o moderno, faz-se pouca diferenciação entre as esferas social e política, a noção de comportamento social se ajusta dentro de uma economia capitalista, sendo a idealização política dos antigos, para Arendt, incompatível com a atual articulação capitalista de estado e sociedade. Matos Silva, aponta para a obra de Habermas enquanto estudo da esfera pública como categoria

burguesa apoiada na separação entre formas do social e o poder político (SILVA, 2009, p. 22).

Com a emergência do Estado moderno burguês, surge a associação da esfera pública ao poder público, sinônimo de um aparelho governamental. A partir das mudanças e da expansão do mercantilismo, a economia não está mais atrelada somente ao espaço do lar, à esfera privada. Com as relações de troca e de mercado, e com o surgimento das relações feudais, se faz necessária uma esfera social administrada, à parte, pelo Estado. Essa tensão entre o Estado e a sociedade seria então responsável pela fundamentação da esfera pública burguesa.

A relação entre o público e o privado se dá, na modernidade, a partir das relações burguesas entre pessoas privadas que, dessa forma, acabam por constituir o público, já que essa relação entre pessoas privadas toca nas questões gerais de trabalho e das relações econômicas de relevância do público. Assim os burgueses que não governam, mas possuem influência direta sobre a esfera pública a partir de suas relações, se tornam contraposição e contestação ao poder público do Estado. É então que Matos Silva toma da obra de Habermas a ideia de duplicidade da esfera privada. O antigo conceito de privacidade do homem, como pai de família, se dá agora enquanto proprietário e se une ao papel de dono de mercadorias (SILVA, 2009, p. 23).

Esse espaço público da modernidade no cenário da burguesia não tem ainda funções políticas, sendo muito mais um espaço de manobras de um raciocínio público de pessoas privadas, que gira em torno das experiências da nova privacidade. Esses espaços públicos, na modernidade, são: os cafés, teatros, salas de concerto, museus, espaços que adentram ou aos quais adentra um sentido de mercadoria. Espaços públicos destinados à sociabilidade da aristocracia e de intelectuais burgueses, onde se dá a transição de uma representatividade pública da corte para uma esfera pública burguesa. Outro fator importante na consolidação dessa esfera é o hábito da leitura e o auge da imprensa, o que acaba por permitir a veiculação de opiniões de interesse das classes burguesas (SILVA, 2009, p. 24).

Na leitura de Habermas, se na Antiguidade a esfera pública era o lugar da ação política, na modernidade ela passa, no âmbito público burguês, a ser o lugar da ação comunicativa. Assim, essa esfera pública política e literária está permeada da esfera privada (família), não sendo um espaço para discussões de opiniões divergentes. Sendo assim, passa a ser uma esfera pública de caráter universalizante e homogeneizado pela burguesia, onde se encontra e se fortalece uma opinião pública única, estando presente o consenso de um único grupo social (SILVA, 2009, p. 24).

O autor aborda a busca de Marilena Chauí para compreender a crise moral e política do nosso mundo. Ela mobiliza o conceito moderno de público e privado, para isso analisando o momento de transição do Antigo Regime para a modernidade, onde rompe-se com a ideia de **Comunidade** única e indivisível, afirmando-se a ideia de **Sociedade**, em que há grupos sociais distintos, com conflitos de interesses. Assim, na modernidade, a sociedade burguesa ou civil aspira uma esfera pública, porém embasada na esfera privada. Onde essa representação de opinião pública de um determinado grupo social (burguesia) impera, não há a ideia de conflito, tendo em vista que, prezam pelos seus próprios interesses (SILVA, 2009, p. 25).

Matos Silva, citando Sheikh (2006) alerta que é necessário reconhecer o espaço público como lugar onde as pessoas se encontram e agem, levando em consideração as novas condições históricas e sócio-culturais da contemporaneidade. Sendo necessário compreender a esfera pública como fragmentada, constituída por diversos espaços e relações conflituosas que podem se conectar ou retrair. Sendo o ponto principal transformar a forma genérica burguesa de pensar o público, ainda atualmente presente, para uma que leve em consideração a heterogeneidade social (SILVA, 2009, p.25).

Considerando essa heterogeneidade social na coletividade de indivíduos, deve se ter em mente as relações de poder que se manifestam na esfera pública. Sendo esse fator determinante na negação do direito de ir e vir de grupos sociais marginalizados, em espaços ditos públicos ou semipúblicos. Habermas, após uma reformulação na sua teoria da ação comunicativa, considera essa como fundamental para a amplificação dos processos democráticos no espaço público.

2.1.1 A ação comunicativa de Habermas

A teoria da ação comunicativa de Habermas possui basicamente duas fases, sendo a sua primeira fase com a obra 'Mudança Estrutural da Esfera pública' (1962), onde defende que a esfera pública no contexto do mundo burguês teria funções de propaganda através dos meios publicitários, esvaziando-se do político. Assim através da propaganda manipuladora passa a conduzir cidadãos divididos enquanto público. Já na segunda fase há a preocupação com o resgate ético-moral e com a construção de um espaço público que permita a interação entre os indivíduos, na ordem político-social (FERNANDES, 2001, p. 6).

Numa perspectiva sócio-política, Habermas encaminha-se a uma teoria da competência comunicativa, isto é, à busca das condições normativas da democracia, enquanto forma de vida ancorada na capacidade dos homens de, utilizando os recursos estruturais e pragmáticos da linguagem, alcançarem o entendimento entre si (SIGNATES, 2001, p. 7).

Habermas introduz o conceito de esfera pública a partir de duas dimensões existentes na sociedade moderna e que se interpelam: o Mundo da vida e o mundo sistêmico. Onde o primeiro se dá o processo comunicativo, responsável pela formação da identidade do indivíduo; tornando-o capaz de compreender o sentido que imprimem às suas ações. Já o Mundo do Sistema se caracteriza pela formação estratégica econômica e política, a esfera pública representada pelo Estado, porém submetida por uma esfera privada representada pelo mercado (FERNANDES, 2001, p. 6).

Habermas passa então, a considerar o conceito de esfera pública não mais como uma esfera de representação burguesa; mas como uma teia representando a comunicação e tomada de posições, que cristaliza alguns temas a respeito de uma opinião pública, que opera sobre um entendimento geral que surge no nível da linguagem do cotidiano. Para Habermas, para que essa opinião pública possa se formar é necessário que ela seja estruturada e reproduzida por si própria a parte do Mundo do Sistema, consequentemente através da liberdade de reunião e opinião. A essa interação comunicativa presente no mundo da vida, Habermas aponta ser necessário que os indivíduos abram mão de alguns dos desígnios iniciais da sua vida privada. O que não aconteceria no mundo dos sistemas econômico e político,

tendo em vista que estes não abrirão mão de seus desígnios iniciais para um êxito de fim social (FERNANDES, 2001, p. 7).

Assim, a “força” necessária para introduzir novas demandas na esfera pública deve vir da sociedade civil. Tendo em vista que seu núcleo é formado por associações livres, sem vínculos estatais ou econômicos. Estando assim, as estruturas de comunicação da esfera pública baseada nos componentes sociais do mundo da vida. Para Habermas, o núcleo da sociedade civil forma uma espécie de associação, capaz de legitimar os discursos e assim de solucionar os problemas, transformando estes discursos em questões de interesse geral.

Na sociedade civil, instituição ancorada na esfera societária do mundo da vida, há um processo de formação de identidade constituída no âmbito de uma ação coletiva onde ampliam-se as fronteiras da esfera pública incorporando minorias econômicas, políticas e raciais e grupos marginalizados criando novos meios comunicativos onde sujeitos, ou atores da sociedade civil interagem com a finalidade da busca de consenso (FERNANDES, 2001, p. 8).

Para Habermas, para que ocorra essa integração dos diversos atores da sociedade civil é necessário que seja assegurado esse espaço de participação e argumentação, e assim “contrabalançar os poderes da esfera sistêmica, ou seja, é no espaço público que podemos eleger representantes sociais, ou instituições, que possam colocar os problemas emergentes no mundo da vida na esfera dos sistemas” (FERNANDES, 2001, p. 8).

Segundo Habermas, os homens “atomizados” da modernidade se transformam em atores sociais produtores de opiniões, a partir do desenvolvimento e da preservação de alguns direitos privados do mundo da vida. Através de uma sociedade civil democrática. E isto é, também um combate a manifestações totalitárias do mundo contemporâneo. O espaço público no contexto da ação comunicativa de Habermas, é palco das relações, espaço de tratar do comum, mas como já dito para isso é necessário que se haja a liberdade de espaço, de se reunir, liberdade de ser público num sentido que é de todos e não a representação pública contida numa esfera privada.

Sob as condições das sociedades complexas, somente é possível uma democracia concebida a partir da teoria da comunicação. Para tanto, há que se inverter a relação entre centro e periferia: em meu modelo, são sobretudo as formas de comunicação de uma sociedade civil que advêm de esferas privadas mantidas intactas, são os fluxos comunicativos de uma esfera

pública vitalizada e assentada numa cultura política liberal que carregam o peso da expectativa normativa... sem a força inovativa, provisoriamente efetiva, dos movimentos sociais nada muda, o mesmo valendo para as energias e imagens utópicas que impulsionam estes movimentos (Habermas, 1997 a:87 apud FERNANDES, 2001).

Seja na antiguidade com a ação política, ou na modernidade com a ação comunicativa; o espaço público é o lugar de tratar e encarar a coletividade. Sua pluralidade, e a afirmação desta, propicia a caminhos democráticos através de atores sociais, de movimentos sociais: onde é possível amplificar e potencializar o discurso de demandas do bem comum. No Brasil, o Movimento Sem Terra (MST) é uma organização de nível nacional de trabalhadores rurais que se organizam de forma participativa em busca fundamentalmente da redistribuição de terras improdutivas.

Com esta dimensão nacional, as famílias assentadas e acampadas organizam-se numa estrutura participativa e democrática para tomar as decisões no MST. Nos assentamentos e acampamentos, as famílias organizam-se em núcleos que discutem as necessidades de cada área. Destes núcleos, saem os coordenadores e coordenadoras do assentamento ou do acampamento. A mesma estrutura se repete em nível regional, estadual e nacional (MOVIMENTO SEM TERRA, 2020).

No entanto, há uma tendência à criminalização não só do MST, mas de movimentos sociais de uma maneira geral. Muitas vezes por parte do Estado, representado por políticos ruralistas, religiosos, empresários, construtores, etc., que buscam beneficiar os próprios interesses. Estado que, por sua vez, atende o interesse de mercado de potências globais. E para isso, adentra o espaço público regulando a presença desde os considerados indesejáveis bem como de movimentos que vão de encontro aos seus interesses. E como esse interesse de higienizar, e engessar as cidades é própria do mundo do mercado, ele também vende esses espaços homogeneizados (segregados) onde se pode resguardar do caos e insegurança urbana criados em função desse mercado.

Hoje a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo. Além disso, nesse momento, a exclusão tende a ser uma via de mão única. É pouco provável que se reconstruam as pontes queimadas no passado. E são justamente a irrevogabilidade desse “despejo” e as escassas possibilidades de recorrer contra essa sentença que transformam os excluídos de hoje em “classes perigosas” (BAUMAN, 2009, p. 23).

Assim, o espaço público das cidades contemporâneas é o lugar para o entrave da luta das minorias em busca da afirmação de sua existência e sobrevivência. Bem

como, onde forças mercadológicas adentram o Estado a fim de dizimar esse discurso que engloba as minorias. E assim a sociedade contemporânea vivencia uma separação, seja por medo ou pela necessidade de proteção do outro, que é fruto de um discurso de mercado, que busca somente a sua consolidação.

2.2 MUROS INVISÍVEIS

2.2.1 O medo do outro

O medo é um sentimento causado por alguma situação de risco, em que algum grupo ou indivíduo impõe uma possível ameaça, real, no cotidiano, ou fruto do imaginário social. Em seu livro "Confiança e Medo na Cidade", Bauman cita Freud para falar sobre esse medo e a consequente necessidade de se proteger. De acordo com o autor os sofrimentos humanos, entre eles o medo em si e o medo de sofrer derivariam de um poder superior da natureza, bem como da nossa fragilidade física e da nossa inadequação às normas que regem as relações sociais (família, Estado e sociedade). Assim, seríamos capazes de configurar o nosso limite e acabaríamos por nos contentar com a chamada “segunda opção”: "se não conseguimos eliminar todos os sofrimentos, conseguimos, contudo, eliminar alguns e atenuar outros" (BAUMAN, 2009, p. 14).

O autor afirma, porém, que quando se trata do sofrimento da miséria social tendemos a não aceitar a imposição de limites, já que tudo que foi feito pelo homem pode também ser feito:

Por isso, se a proteção de fato disponível e as vantagens que desfrutamos não estão totalmente à altura de nossas expectativas; se nossas relações ainda não são aquelas que gostaríamos de desenvolver; se as regras não são exatamente como deveriam e, a nosso ver, poderiam ser; tendemos a imaginar maquinações hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo de nossa cama. Em suma, deve haver um culpado, um crime ou uma intenção criminoso (BAUMAN, 2009, p. 15).

Bauman traz ainda o pensamento de Castel, de que a insegurança moderna não é fruto da perda de segurança, mas sim da “nebulosidade” do seu objetivo. Já que é um efeito colateral da certeza de que com os meios necessários pode-se obter uma segurança completa. Assim, quando constatamos o fracasso dessa segurança completa atribuímos ele a um ato mau e premeditado de alguém. Bauman então,

pontua que essa insegurança moderna é, em suas várias nuances, caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Consequentemente suspeitamos do outro e das suas intenções. Castel atribui esse estado de coisas à emergência do individualismo moderno (BAUMAN, 2009, p. 16).

Bauman cita as transformações da Era Moderna, que levaram a essa insegurança, que teve seus primórdios na Europa, e se dissipou para outros lugares. Ela seria, para Castel, oriunda da ocorrência simultânea de duas “reviravoltas”: a “supervalorização” do indivíduo - agora liberto das restrições impostas pelos vínculos sociais - e a fragilidade desses laços. A primeira teria servido como estimulante para o indivíduo e para o aprimoramento de si mesmo; a segunda como realidade para grande parte das populações. Daí teria se derivado os sentimentos de culpa e impotência, que ocasionariam um medo de ser inadequado (BAUMAN, 2009, p. 17).

Assim, Bauman afirma que o Estado moderno teve desde o início a tarefa de administrar o medo. Pontua também que o êxito da evolução deste Estado moderno se dá no “Estado Social”, onde há mais proteção do que redistribuição de terra. Restando aos desprovidos de recurso (exceto seu trabalho manual), a proteção coletiva. A exemplo dessas proteções, o autor destaca as proteções de primeiro tipo, instituições e as medidas assistenciais amparadas pelo Estado como: serviços de saúde, educação pública, casas populares. Bem como as normas industriais e os direitos de ambas as partes no contrato de trabalho. Já as proteções de segundo tipo destacam-se a solidariedade empresarial, sindical e profissional que teve força no ambiente relativamente estável da fábrica fordista. Esse ambiente passa a servir de refúgio para a confiança, para a busca de compromissos e de uma convivência “consensual” (BAUMAN, 2009, p. 19).

A solidariedade transformou-se assim na capacidade de trabalhar num capital substituto, podendo servir de contrapeso para o poder combinado dos capitais de outro tipo. Assim Bauman afirma que a redução do controle estatal deu início aos medos modernos e a suas consequências individualistas, numa fragilização do que chama “os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação”. Por fim, a solidariedade deu lugar à irmandade “como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto” (BAUMAN, 2009, p. 20).

Bauman aponta então para uma “desregulamentação individualista número dois” na Europa, cedendo às pressões externas de forças globais. Assim, quanto mais persistem as proteções “hoje ameaçadas em toda parte pela sensação compartilhada de um perigo iminente, mais parecem atraentes as válvulas de escape xenófobas” (BAUMAN, 2009, p. 20).

A xenofobia - a suspeita crescente de um complô estrangeiro e o sentimento de rancor pelos “estranhos” - pode ser entendida como um reflexo perverso da tentativa de salvar o que resta da solidariedade local (BAUMAN, 2009, p. 21).

No seu livro, Bauman trata principalmente de como a globalização afeta nosso modo de viver, e como o “grande mundo do livre mercado” cria classes sociais “supérfluas” que lutam para sobreviver e que não tem como viver mais como os seus antepassados, surgindo assim sujeitos que precisam buscar oportunidades em outros lugares, aos quais o autor chama de “imigrantes econômicos”. Sendo assim, essas novas classes são consideradas incapacitadas para reintegração, sendo consideradas **não-assimiláveis**, não sabendo se tornar úteis nem mesmo depois de uma “reabilitação”. Elas não estariam **em excesso**, mas acabariam por ser consideradas **supérfluas** e conseqüentemente excluídas de modo permanente (BAUMAN, 2009, p. 25). Isso leva os habitantes da cidade que os recebe a um sentimento de rejeição, advinda de medo ou simplesmente de antipatia.

São estrangeiros e isso faz com que suas diferenças de cultura e identidade sejam tratadas com receio. A etimologia da palavra em si já traz essa ideia do receio, provém da palavra francesa *étranger*, cuja origem é *étrange* (*estrange* até o século XII), por sua vez do latim *extranearius* culminando no português: estranho (NASCENTES, 1955). Estranho, desconhecido, aquele de quem não se sabe o que esperar. Bauman então afirma que esse medo do desconhecido no qual estamos subliminarmente envolvidos busca algum tipo de alívio, sobre esses estrangeiros, alvos das ânsias acumuladas que tendem a serem descarregadas sobre a não-familiaridade, a “estrangeiridade” (BAUMAN, 2009, p. 45).

Assim, esse receio do estranho, daquilo ou daquele que não possui familiaridade, gera uma resposta discriminatória. A era moderna traz ao indivíduo a necessidade de proteção desses considerados indesejáveis. E essa necessidade de proteção

num contexto capitalista gera movimentos de afastamento do espaço público para evitar determinados indivíduos e a necessidade de espaços exclusivos socialmente homogêneos, que acabam por delimitar e ferir o direito de ir e vir.

2.2.2 Um olhar sobre o Brasil

Nos termos da era da globalização, recentemente o Brasil vivenciou casos de xenofobia extrema contra venezuelanos. Fugindo de regimes totalitários e em busca de emprego e melhores condições de vida, eles deixam a Venezuela, que faz fronteira com o Brasil, e seguem rumo a alguns estados. Porém o extremismo se deu no estado fronteiriço, Roraima, onde os habitantes nativos queimaram acampamentos dos imigrantes após a família de um comerciante relatar à polícia um assalto e agressões supostamente cometido por venezuelanos.

Porém desde a invasão dos portugueses o Brasil lida com a xenofobia, quando esses ditos civilizados, num processo reverso, alcunharam os nativos indígenas como selvagens e a partir daí os exploraram, saquearam e dizimaram. Como pontua Darcy Ribeiro:

Suas ciências eram um esforço de concatenar com um saber a experiência que se ia acumulando. E, sobretudo, fazer praticar esse conhecimento para descobrir qualquer terra achável, a fim de a todo o mundo estruturar num mundo só, regido pela Europa. Tudo isso com o fim de carrear para lá toda a riqueza saqueável e, depois, todo o produto da capacidade de produção dos povos conscritos. Era a humanidade mesma que entrava noutra instância de sua existência, na qual se extinguiriam milhares de povos, com suas línguas e culturas próprias e singulares, para dar nascimento às macroetnias maiores e mais abrangentes que jamais se viu (RIBEIRO, 1995, p. 18).

Esse processo dos invasores europeus, de categorizar e explorar os diferentes em território brasileiro, teve continuidade com as populações que aqui chegavam após serem raptadas e submetidos à escravidão e ao trabalho forçado. Populações que foram compulsoriamente incorporadas no engenho e na mina, a fim de atender às necessidades exploratórias do seu senhor. Desgastados pela produção daquilo que não usufruíam, bem como "deculturados" através da erradicação da sua cultura africana (RIBEIRO, 1995, p. 52).

A xenofobia tem relações diretas com o racismo, da mesma forma que Bauman trata da 'necessidade' que as elites têm de se afastar, de criar barreiras contra esses estranhos, assumindo-os como o agente causador do medo. É pertinente, neste ponto, em termos de Brasil, tratar do racismo estrutural, que estabeleceu a exploração das populações pretas (que aqui chegavam raptadas de seu continente de origem) e a visão hegemônica sobre esses corpos pretos.

Os povos raptados da África chegavam em terras brasileiras como uma comunidade cativa. Tidos como anomalia para os colonizadores, tiveram sua existência e suas potencialidades torturadas em prol da soberania destes, sendo regidos a aniquilar sua cultura para viver a vontade do homem branco (RIBEIRO, 1995, p. 53).

Dessa maneira os remanescentes dos indígenas dizimados, as populações nascidas sob o regime da escravidão e os colonos europeus, apontariam para o surgimento dessa cultura advinda de três povos numa nova sociedade. É o que Darcy Ribeiro chama de neobrasileiros, uma denominação que acaba por afirmar o gentílico, através da diferenciação dos primeiros **brasilíndios** e **afro-brasileiros**. E assim se molda um novo mundo, diferente ao do índio que teve sua terra invadida; diferente ao do negro que teve sua diáspora forçada; bem como diferente ao do português (RIBEIRO, 1995, p. 57).

Nessa nova configuração de sociedade os povos oprimidos são submetidos a condições não condizentes com o desenvolvimento do opressor, e assim começa a se intensificar um novo processo de separação. Darcy Ribeiro pontua que esse processo de formação dos povos americanos possuem suas especificidades que desafiam a explicação. Ao passo que alguns desses povos, antes na etapa colonial mais pobres, na revolução industrial progrediram e integraram-se de forma dinâmica e efetiva, sendo pertinente afirmar que os povos com identidade étnica europeia, encontraram na sua própria configuração facilidades na integração dessa nova civilização que surgiu “no seio de suas matrizes” (RIBEIRO, 1995, p. 57).

Ainda sobre esse processo de distanciamento de inclusão das classes oprimidas na nova sociedade, Darcy Ribeiro afirma que é bem provável que o brasileiro começa a surgir e a se reconhecer mais pela percepção da estranheza que causava no

lusitano, do que como membro das novas comunidades socioculturais chamando atenção também para o desejo de remarcar a “diferença e superioridade frente aos indígenas” (RIBEIRO, 1995, p. 57).

Sobre a marginalização do povo preto, Lívia Maria Terra na sua tese de mestrado "Negro suspeito, Negro bandido: um estudo sobre o discurso policial" discorre historicamente sobre o surgimento de uma "nova forma de olhar para o homem", não mais baseadas na forma de vigilância, mas no "tipo de saber pautado no bio-poder, no controle e na regulação da vida cotidiana dos sujeitos em suas relações em sociedade." (TERRA, 2010, p.51). Assim, esses estudos, como afirma a autora, possibilitaram o surgimento de novas disciplinas científicas, como a antropologia criminal. O que juntamente com o direito criminal, acaba por culminar numa ideia de "perversão moral e de degeneração social humana inerente à estrutura biológica dos homens e mulheres e transmitida geneticamente."

Passando a ser acrescido às diversidades física e culturais um estigma que foi se originando a partir de classificações de estereótipos e comportamento. O que acaba por atribuir a uma dada constituição biológica, do fenótipo (como a cor da pele ou o tamanho do nariz) que é a manifestação do genótipo (características passadas geneticamente), “características como a anormalidade, a criminalidade e a loucura, ou seja, doenças passíveis de diagnóstico e de controle eminentemente social” (TERRA, 2010, p. 53).

Teorias que chegaram ao Brasil e se fortaleceram no século XIX, período em que já haviam manifestações em prol da abolição da escravatura, que acabou ocorrendo em 1888. Num momento em que a elite branca passa a ter que lidar com uma relação não mais de domínio do negro, mas uma relação onde o domínio exploratório de séculos constitucionalmente acabou. A Lei do Ventre Livre (1871) e posteriormente o processo de abolição da escravatura (1888), e consequentemente a substituição pelo trabalho assalariado faz com que a sociedade brasileira lide com questões que antes eram resolvidas no tronco. Relação de ter que lidar com o seu oprimido "livre" (TERRA, 2010, p. 55).

Com a abolição, surge a necessidade dos alforriados de buscar trabalho para sobreviver, porém o povo preto era tido como desprovido de força e da capacidade

de aprender. Isso acaba por ocasionar na "necessidade de incorporar o trabalhador estrangeiro", onde a vinda principalmente de italianos e alemães fornece a mão-de-obra (considerada defasada após a abolição), “como também a expectativa de produzir no Brasil um processo de branqueamento sobre a população negra” (TERRA, 2010, p. 56).

Ainda assim, mesmo com a abolição da escravidão, o povo preto continuou vivendo uma vida marginalizada. Que foi consequentemente alimentada por uma desconfiança contínua, fruto da ausência de políticas efetivas de integração como também pelas ideias pautadas no biopoder. E assim surgem formas de controlar essa suposta ameaça que são atribuídas a esses indivíduos marginalizados. “Mecanismos que, em geral, coincidiam com o poder de repressão policial, com o poder do judiciário e com o poder da medicina” (TERRA, 2010, p. 56).

Dando sequência ao levantamento histórico do processo de estruturação do racismo, Terra cita o aumento significativo da criminalidade na vida urbana. Surgindo assim, duas modalidades de infração: “os crimes com vítimas, seguidos das contravenções penais ou crimes sem vítimas que, em geral, são investidos contra a propriedade privada” (TERRA, 2010, p. 57). Devido esse aumento na criminalidade urbana, as pessoas a margem da sociedade “dentre os quais os negros, desempregados, aventureiros ou simplesmente a plebe urbana” (TERRA, 2010, p. 57), acabam por ser os indivíduos a assumir o estigma da delinquência no imaginário de boa parte da população.

O que se verifica, a partir de então, é uma crescente preocupação com a chamada vadiagem prevista no Código Penal de 1890, como um crime passível de punição de acordo com a identificação pessoal ou as características do indivíduo acusado sugeridas pelo agente policial. Tratava-se, portanto, da criminalização de um comportamento ou condição pessoal com o intuito de reprimir indivíduos específicos discriminados pela cor (TERRA, 2010, p. 57).

Ou seja, além das ameaças reais, esse medo vem também carregado de pré-julgamentos advindos de estereótipos, responsável por distanciar ainda mais as classes sociais; seja na segregação do morar ou mesmo no impedimento à circulação, ao direito de ir e vir, e ao acesso a determinados espaços. Um exemplo explícito desse impedimento nos dias atuais é o fenômeno do “rolêzinho”, em que jovens e adolescentes de maioria negra e periférica, passaram a marcar encontros

pela internet em shoppings centers, espaços sagrados e privados da cidade contemporânea. O fenômeno suscitou tantos impasses que se tornou assunto policial e judicial, quando não motivou a suspensão das atividades dos estabelecimentos. Situação que torna visível, numa cidade-produto, a existência de corpos marginais que estão constantemente expostos à violência física e à privação, que parte daqueles que os supõem 'violentos'.

Figura 1: Jovens pretos abordados por policiais em shopping.



Foto:Robson Ventura/FOLHAPRESS.

O medo se torna destaque corriqueiro nos noticiários e, por conseguinte, um sintoma generalizado na sociedade. Além disso há um constante reforço de certos estereótipos dos sujeitos do crime, através da exploração sensacionalista dos delitos e até da sistemática diferenciação de tratamento do infrator de acordo com sua classe social: uma pessoa da periferia é nomeado bandido, traficante, e uma outra pessoa, vinda de um meio privilegiado, é tratada pelos meios de comunicação como jovem, estudante. “Embora banalizada e naturalizada, a violência vem alimentando a cultura do medo, levando as pessoas, sutilmente, a tecerem novas formas de relações sociais e novos padrões éticos.” (BAIERL, 2004, p.52).

O muro invisível se ergue com o receio da socialização de um indivíduo com outro, devido a não familiaridade, seja na diferença de classe social ou cor da pele. Ao passo que, esse receio torna-se necessidade de separação. E assim necessidade de muros reais, visíveis. O que acaba por caracterizar uma fuga do espaço público, enquanto lugar da heterogeneidade social.

2.3 A FUGA DO ESPAÇO PÚBLICO

A insegurança urbana vem modificando as relações dos indivíduos nos espaços públicos da cidade, bem como o seu caráter na vida cotidiana. Como afirma Luzia Baierl, o medo social vem modificando fortemente a vida cotidiana da população, bem como o território e o tecido urbano. Medo causado por ameaças reais em contraposição a ameaças em potencial do imaginário social coletivo, alimentado pelos altos índices de violência nos centros urbanos. Onde é perceptível também a responsabilidade da grande mídia, por colocar essa fala corriqueira do crime no cotidiano social (BAIERL, 2004, p.20).

A fala do crime, tanto pelas pessoas como pela divulgação na mídia, tende a ampliar a sensação e os sentimentos de medo e de insegurança nos grandes centros urbanos. Trata-se de uma fala fragmentada, que amplia o medo e não potencializa formas de solucionar a violência. (BAIERL, 2004, p.61)

Bem como, a ineficiência do Estado e o despreparo da polícia em promover a segurança pública. No atual contexto do medo social, é nítido que o Estado cada vez menos consegue assumir o seu papel legítimo na garantia em manter o “Estado de Direito”. Contribuindo assim, cada vez mais para o isolamento das pessoas e a segregação do espaço urbano, e conseqüentemente atitudes discriminatórias. Além de ocasionar o movimento para estratégias no âmbito do privado (BAIERL, 2004, p. 26).

Não podemos reduzir a violência às condições de pobreza na sociedade. No entanto, numa sociedade onde o consumo se amplia, onde as diferenças entre ricos e pobres cada vez mais se afirmam, onde o acesso a direitos mínimos e básicos não é respeitado, onde os direitos sociais (moradia, saúde, educação, alimentação, lazer, segurança), promulgadas na Carta Magna de 1988, são negados, onde impera a impunidade e o desrespeito à legalidade constituída, sem dúvida, há que se pensar as várias dimensões que fazem emergir e reforçar as diversas facetas da violência (BAIERL, 2004, p.25).

Com a perpetuação dessa insegurança no imaginário social acaba por se viabilizar novas formas de medo e, consequentemente, novas formas de agir e reagir perante ele (BAIERL, 2004, p.24). Uma das formas de agir, por parte da população, perante essa necessidade de se resguardar do perigo iminente da vida urbana, acaba por gerar um movimento para espaços privados que oferecem ideia de seguros devido ao monitoramento e controle ao acesso.

Não só as atitudes na rua estão mudando, mas a própria composição da multidão. As classes média e alta tentam evitar as ruas e calçadas movimentadas, preferindo fazer compras nos shopping centers e hipermercados. Como as pessoas dessas classes circulam de carro, o uso de transporte público está se tornando uma experiência das classes baixas (CALDEIRA, 2000, p. 320).

Em “A ideia de Muro”, Napoleão Ferreira trata dos mais diversos tipos de muros na história da humanidade, citando os muros que circuncidavam antigas civilizações, a fim de proteger, bem como impor poder e superioridade social (FERREIRA, 2019). Sejam muros ou fossos, essas construções demarcavam os de dentro e os de fora, entre paz e guerra os inimigos estavam para fora dos muros.

Ao que Bauman em “Confiança e medo na cidade” chama a atenção para uma inversão histórica, onde ao invés de se instituir defesas contra o perigo, as cidades têm se tornado o próprio perigo.

Podemos dizer que as fontes do perigo atingiram agora o coração das cidades. Os amigos e os inimigos - sobretudo os misteriosos e incompreensíveis estrangeiros que oscilam ameaçadoramente entre esses dois extremos - misturam-se, confundem-se nas ruas da cidade. A guerra à insegurança, aos riscos e aos perigos está em curso *dentro* da cidade; nela os campos de batalha são nitidamente delimitados, e as linhas de frente são “demarcadas” (BAUMAN, 2009, p. 62).

Assim, Bauman cita as diversas formas de “trincheiras fortificadas” que vão surgindo e se esforçando para assimilar o panorama das cidades. E que estão destinadas “a separar e manter distante os estrangeiros, barrando seu acesso, se transformam rapidamente num dos traços mais visíveis da cidade contemporânea”. O autor pontua então a tendência da arquitetura urbana governada pelo medo, de: construir casas não vistosas, a intimidação a partir de exteriores hostis que remetem a fortalezas com o intuito de constranger. “A arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar - embora furtivamente - em áreas extremamente vigiadas, dia e noite” (BAUMAN, 2009, p. 63).

É esse processo que Teresa Caldeira nomeia de ‘enclaves fortificados’: espaços privatizados, fechados e monitorados que são responsáveis por atrair aqueles que receiam a heterogeneidade social de determinados espaços da cidade e os deixa aos pobres, aos “marginais”, aos sem-teto (2000, p. 12).

Nos enclaves, o objetivo é segregar e mudar o caráter da vida pública, transferindo atividades antes realizadas em espaços públicos heterogêneos para espaços privados que foram construídos com ambientes socialmente homogêneos, e destruindo o potencial das ruas de fornecer espaços para interações anônimas e tolerantes (CALDEIRA, 2000, p. 313).

Assim, parte da sociedade busca espaços privados onde se resguardar da cidade e dos riscos que seus “marginais” oferecem. São espaços que abrangem desde o consumo até a moradia, como shopping-centers e condomínios fechados. Espaços que aprofundam a distanciamento das classes, enquanto simulam, em uma pseudo-realidade paralela, o resgate da vida em comunidade, que parecia perdida no passado.

2.3.1 Medo e mercado

Diante disso, esse sentimento de medo e a insegurança que surge a partir dele, são responsáveis por gerar novas formas de relações para os indivíduos entre si, como também com os espaços da cidade. Luzia Baierl, afirma que tomar o medo como objeto é buscar explicá-lo como um instrumento criado socialmente, por determinados grupos, e que acaba por impedir as pessoas de coletivizarem seus interesses e seus medos; gerando assim uma nova cultura e novos padrões éticos no âmbito do privado, alterando a dinâmica da esfera onde se gesta a vida cotidiana (BAIERL, 2004, p. 23).

A segurança pública é responsabilidade do Estado, porém a ineficiência do mesmo faz com que, parte da população, busque essa garantia de proteção à vida e ao patrimônio no âmbito do privado. Dessa maneira, acaba gerando um mercado em torno da segurança, setor que, segundo um estudo realizado em 2018 pelo banco de dados estatísticos alemão Statista, atingirá a receita de US\$240 bilhões até 2020. O Atlas da violência 2019 estima que os gastos com segurança privada e seguros

corresponderam a 105 bilhões de reais, o que equivale a um percentual de 1,7% do PIB (IPEA, 2019).

Em sua tese, *Medo e Mercado: o crescimento da segurança privada*, Verena Alves trata da conexão da administração do medo social e do crescimento da adesão à segurança privada no país. Onde a manutenção desse medo social fruto de uma política global que comercializa uma falsa ideia de insegurança juntamente com a ineficácia de um estado social faz com que o próprio Estado possa alternar suas prioridades governamentais. Assim:

Uma vez que os Estados estariam gradativamente enfraquecendo as suas redes de proteção a direitos sociais e não se confiaria nestes, por muito tempo, a concessão de uma estrutura sólida para planos vindouros, a insegurança e o medo que a visão de um estado social tentaria eliminar, acabaria indicando que o próprio Estado deveria buscar soluções em outros lugares, bem como que a população poderia esperar qualquer coisa dessa estrutura (ALVES, 2019, p. 54).

Teresa Caldeira afirma que “nas últimas décadas a segurança tornou-se um serviço que pode ser comprado e vendido no mercado, alimentando uma indústria altamente lucrativa” (CALDEIRA, 2000, p. 10).

Na verdade, segurança é hoje uma mercadoria vendida no mercado sob formas cada vez mais sofisticadas e variadas. Em diversos países ocidentais, o equipamento de segurança está se tornando cada vez mais complexo e os serviços privados estão crescendo consideravelmente, tanto em quantidade como extensão. (CALDEIRA, 2000, p. 195).

Luzia Baiarl chama esse mercado de “Indústria do Medo” (2004, p. 70), seja em referência ao mercado de apetrechos de segurança: alarmes, cercas elétricas, câmeras ou ao mercado imobiliário e seus anúncios estapafúrdios. A autora afirma:

Esse setor de trabalho cresce na mesma medida em que se ampliam os índices de violência e criminalidade. É alimentado perversamente pela própria violência e pelo descaso que se tem com a segurança pública e com as demais políticas sociais (BAIERL, 2004, p. 71).

A necessidade de segurança no espaço desordenado da cidade no morar se materializa na forma de muros e condomínios fechados. Estes últimos principalmente acabam por criar espaços destinados a uma classe social que pode pagar por essa segurança, por se tratar de “...um mercado que produz uma mercadoria só acessível a quem possa comprá-la [...]” (BAIERL, 2004, p.71); mercadoria que acaba por anular o espaço público, se fechando para a cidade. Tais

processos aprofundam a segregação e afetam a dinâmica da cidade e suas relações interpessoais e entre classes.

Os condomínios fechados são a versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos que chamo de enclaves fortificados. Eles estão mudando consideravelmente a maneira como as pessoas das classes média e alta vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer. Eles estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o caráter do espaço público e das interações públicas entre as classes (CALDEIRA, 2000, p. 27).

Considerando que essa necessidade de morar se resguardando da imprevisibilidade da vida urbana assume um teor de mercadoria, seu caráter separatório é confirmado a partir da lógica do consumo na obra, “A Sociedade do Espetáculo”, de Guy Debord onde caracteriza o espetáculo como resultado e projeto do modo de produção existente. Tal modo de produção define a própria sociedade, na afirmação da “escolha já feita na produção”: o consumo. O autor coloca ainda:

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1967, p. 14).

Em sua teoria crítica, Debord trata da “negação da vida que se tornou visível” ligada à “forma-mercadoria” fruto dos meios modernos de produção e a consequente “proletarização do mundo”, ao que pontua “se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos” (DEBORD, 1967, p. 13). Onde acaba por criar uma imagem autonomizada do mundo, “a realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação” (DEBORD, 1967, p. 14). Sendo assim:

O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o espetáculo apresenta é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. O mundo da mercadoria é mostrado como ele é, com o seu movimento idêntico ao afastamento dos homens entre si, diante de seu produto global. (DEBORD, 1967, p.29).

Debord afirma ainda que o espetáculo é uma guerra incessante para confundir bem com mercadoria, satisfação com sobrevivência e dessa forma regula tudo conforme as suas próprias leis. E ainda, se esse consumo da sobrevivência tende a crescer é porque a privação nunca deve ser contida, sendo assim o consumo a própria privação enriquecida (DEBORD, 1967, p. 34).

Assim o espetacular difuso acompanha essa abundância de mercadorias, onde cada mercadoria considerada de forma isolada está justificada pela grandeza da produção da totalidade dos objetos. Dessa forma, no cenário do espetáculo unificado da economia abundante, afirmações inconciliáveis e as mercadorias-vedetas perpetuam os seus projetos contraditórios de ordenação da sociedade. Onde Debord exemplifica: o espetáculo dos automóveis implica em uma circulação perfeita, nem que para isso se destrua parte da velha cidade; enquanto o espetáculo da própria cidade tem necessidade de bairros-museus (DEBORD, 1967, p. 48).

Essa sociedade que modela tudo o que a rodeia edifica sua técnica especial trabalhando a base concreta deste conjunto de tarefas: o seu próprio território. O urbanismo é a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz a totalidade do espaço como seu próprio cenário (DEBORD, 1967, p. 131).

Estando então o espetáculo citadino, contido na lógica do consumo, relacionado com a necessidade de se resguardar e se proteger da imprevisibilidade urbana; ao que para Debord evidencia uma separação, pois para o autor todas as forças técnicas da economia capitalista devem ser compreendidas como agente de separação. Onde afirma: “o urbanismo é o equipamento da sua base geral, que prepara o solo que convém ao seu desenvolvimento; a própria técnica de separação (DEBORD, 1967, p.132).

Dessa forma são gerados, como produtos, espaços que mimetizam o espaço público - o que o autor chama de pseudo coletividade. Tais espaços promovem o afastamento dos homens entre si: “A unidade irreal que o espetáculo proclama é a máscara da divisão de classe sobre a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista” (DEBORD, 1997, p.52). Sendo assim, até que ponto esses espaços (fechados), que compõem o urbano, reforçam no espaço público o que tentam combater intramuros?

2.3.2 Muros do morar

Fica claro que muitos elementos são agregados à moradia contemporânea por conta do medo e do sentimento de insegurança, seja em residências unifamiliares e em

edifícios residenciais. Já os condomínios horizontais parecem surgir como o próprio elemento de proteção do espaço caótico da cidade.

A casa unifamiliar, ainda que murada, está inserida no contexto da cidade e existe em contato direto com o espaço público. Já nos edifícios, ainda que boa parte deles também possuam muros, as janelas dos apartamentos têm vista para a rua e a cidade: com suas imperfeições, ela está ali, visível. Mas no condomínio horizontal, excetuando algumas possíveis casas limítrofes aos muros, tudo o que se vê é uma reprodução cinematográfica e homogeneizada da cidade.

Os condomínios fechados acabam se fechando para a cidade e para sua diversidade social, ao passo que intramuros surge uma pseudo-cidade, higienizada e gerida por um poder que não é o do Estado. Onde o seu ideal é a constituição de uma ordem privada, na qual os moradores evitam muitos dos problemas citadinos, vivenciando um estilo de vida apenas com pessoas do mesmo grupo social (CALDEIRA, 2000, p. 275).

Ao que se trata da homogeneidade social que o condomínio oferece, e do ponto de vista desse tipo de moradia mercadoria, o condomínio mimetiza uma cidade higienizada livre de miséria e perigo; em sua obra Debord afirma sobre o espetáculo e seu caráter de negação da realidade:

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível (DEBORD, 1967, 16).

Os condomínios fechados nessa supressão acabam por produzir extramuros espaços vazios e por consequência ainda mais inseguros.

Na medida em que os espaços para os mais ricos são fechados e voltados para dentro, o espaço que sobra é abandonado àqueles que não podem pagar para entrar. Como os mundos privatizados das camadas mais altas são organizados com base nos princípios de homogeneidade e exclusão de outros, eles são por princípio o oposto do espaço público moderno. No entanto, os espaços públicos restantes, territórios de medo, também não podem aspirar aos ideais modernos. A vida cotidiana na cidade de muros

reforça exatamente os valores opostos: incivilidade, intolerância e discriminação. (CALDEIRA, 2000, p. 313).

No entanto o condomínio, por ser objeto da garantia de segurança dos que têm medo, não quer dizer que os seus habitantes sejam isentos de crimes e delitos, mas que são compradores também de um objeto de desejo de uma elite. Além de proteger a vida, buscam também proteger o patrimônio.

A apartação física dos lugares da urbe contemporânea corresponde à dissociação da cidade. A estratificação entre as classes que detém a maior parte da riqueza material e as classes empobrecidas ou deserdadas historicamente reflete-se na divisão física do território. Divisão na qual a presença limítrofe dos muros encerra, ou tentam encerrar, o espaço exclusivo dos privilegiados (FERREIRA, 2019, p. 53).

O condomínio fechado, objeto de estudo deste trabalho, a partir da sua característica do controle - a fim de dar aos seus moradores a sensação de segurança - desaparece na "fumaça da representação". O espaço passa a forjar uma cidade livre do caos, higienizada (bairros-museus), porém os seus moradores apenas representam uma liberdade, já que nesses espaços existem outras regras a serem cumpridas que não as do Estado. É o que afirma Napoleão Ferreira em "A Ideia de Muro" (2019):

O ambiente geral intramuros, se por um lado assegura uma tênue sensação de segurança e privilégio social aos moradores condôminos, também estabelece um clima psicológico de liberdade vigiada com a estruturação de um semiestado repressivo interno, com normas de conduta, horários e obrigações comuns. Configura-se a tensão característica das hostilidades mútuas entre os habitantes dos ambientes carcerários (FERREIRA, 2019, p. 52).

Debord afirma que "[...] o espetáculo não é somente o servidor do pseudo-uso, é já, em si próprio, o pseudo-uso da vida." (1997, p. 37). Isto é, o que era diretamente vivido acaba por desaparecer na "fumaça da representação". É o que fica expresso no trecho: "O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva." (1997, p. 16).

Assim, essa insegurança moderna, fruto de um medo generalizado do outro, do estrangeiro, cria um movimento de afastamento no coletivo da cidade. Que inserida numa lógica capitalista de mercado, onde impera a divisão de classe, encontra o

produto necessário “que oferece” uma cidade com separação social concreta, contida sempre por um muro.

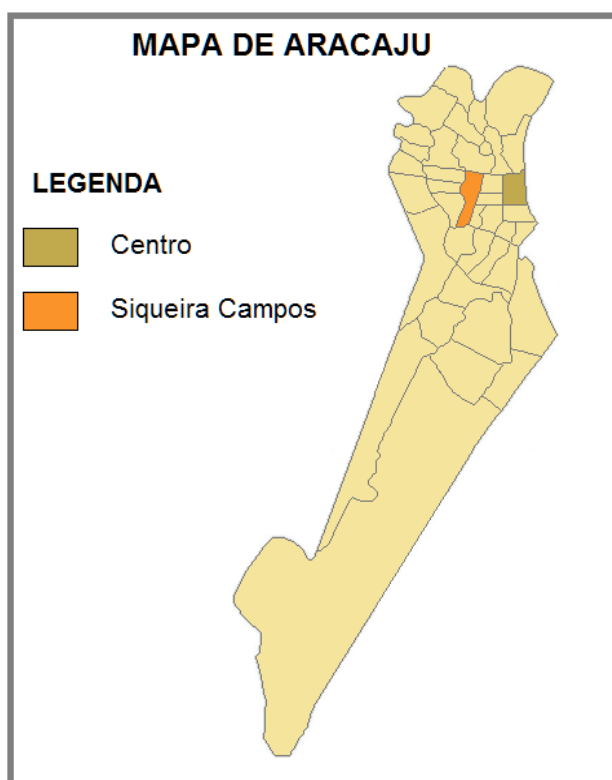
3 ESTUDO DE CASO

3.1 O SIQUEIRA CAMPOS

3.1.1 Breve contexto histórico

O bairro Siqueira Campos é um dos mais antigos da capital sergipana, sendo sua história atrelada ao desenvolvimento da cidade. Localizado na zona Oeste, fora do projeto urbano dos quadrados de Pirro que foi pensado para a ocupação dos prédios administrativos e pelas elites da nova capital. Restando as populações marginalizadas, as regiões periféricas ao nobre quadrado da cidade.

Figura 2: Mapa de Aracaju.



Fonte: Desenvolvido pelo próprio autor, 2020.

Assim surgem as primeiras populações da região, sendo principalmente os escravos libertos após 1888. Estando afastada da região nobre e higienizada da cidade, os negros que ali habitavam encontraram na região um refúgio também para vivenciar suas tradições, como o candomblé, tendo em vista que a época o culto aos orixás era proibido pela polícia (SOUZA FILHO, 2013, p. 34).

Teve o início do seu desenvolvimento urbano com as oficinas ferroviárias que datam de 1914, base da Primeira Estação Ferroviária de Sergipe localizada no Centro da

capital. Sua região periférica e a proximidade com as oficinas da ferrovia, fez com que surgissem residências de funcionários das oficinas e ferroviários. Dando origem a um dos primeiros nomes da região, “Oficinas” (NASCIMENTO, 2014, p. 48).

O movimento gerado pela estação ferroviária, fez com que a região também se tornasse destino das pessoas que vinham do interior fugidas da seca. Preenchendo assim a região com pequenos sítios, tornando a região mais populosa. E trazendo consigo sua cultura, como a produção de tigelas de barro conhecidas como Aribé e a comercialização das mesmas nas feiras locais. Sendo esse o nome que predominou em reconhecimento ao bairro, Aribé (NASCIMENTO, 2014, p. 48).

Segundo Luiz Cruz, Dr. em História Social pela UFBA, a região era considerada uma cidade dentro da capital sergipana, tendo em vista a diversidade e dinâmica dos seus moradores: ferroviários, comerciantes, estivadores e lavadeiras. Com o desenvolvimento urbano da região, em 1923 o então prefeito Adolfo Espinheira, determina o levantamento topográfico e o plano de arruamento. As novas ruas teriam 15 metros, ao invés dos 13,2 vigente no restante da cidade. E nos nomes dessas ruas, seguiu-se o critério de que seriam nomes de estados brasileiros, em homenagem à nacionalidade. (CRUZ, 2018 apud ARAUJO, 2018)

Em 6 de janeiro de 1931, na gestão do Intendente Camilo Calazans, o nome do bairro foi mudado para o atual em homenagem ao tenente Antônio de Siqueira Campos que participou da Revolta dos 18 do Forte. Em 12 de março de 1933 a energia elétrica chegou ao bairro. A região começou a ganhar visibilidade e muitos proprietários de terrenos começaram a lotear e vender muitos desses lotes, onde alguns dos mais conhecidos desses proprietários dão nomes às ruas do bairro, como: Mariano Salmeron, Carlos Corrêa e Mario Valois (NASCIMENTO, 2014, p. 48).

Talvez pelo mesmo motivo do início aos cultos de candomblé na região, por ser marginalizada e a região se encontrava afastada do foco do poder público e da elite. Que surgiu na região espaços voltados ao Espiritismo e ao protestantismo bem antes de uma paróquia católica. Elphêgo Nazário Gomes (um dos fundadores do Espiritismo em Sergipe), em 1931 trouxe para sua residência situada no Aribé as

atividades do Grupo Espírita Humildade (SOUZA, 2013). Bem como o surgimento da primeira Assembleia de Deus (maior denominação evangélica do Brasil) em Sergipe, sendo construído um templo em 1935 na rua Bahia, existente até os dias atuais.

Figura 3: Primeiro templo da Assembléia de Deus, localizado na rua Maranhão nº 343.



Fonte: acervo de membro da igreja, 2020.

Sendo em maio de 1944 fundada a paróquia do bairro, Nossa Senhora de Lourdes, tendo sido construída pela própria comunidade. Em novembro do mesmo ano foi inaugurada a primeira instituição pública municipal de Ensino infantil de Aracaju, o Jardim de infância José Garcez Vieira que surgiu com o intuito de prestar assistência a uma parte da população excluída; sendo voltado às preocupações com saúde, higiene, alimentação e sobrevivência. Ambos localizados no que é hoje a praça do Siqueira Campos.

Nessa a época, o local que viria ser a então hoje praça do Siqueira era um campo de areia aberto com uma lagoa, que era chamada Lagoa do Barro Vermelho; sendo posteriormente aterrada e iniciado o processo de construção da praça, que em 1948, foi nomeada com o nome do primeiro Bispo de Aracaju, Dom José Thomaz. Foi

também nos anos 40 que a feira local ganhou o Mercado Municipal Carlos Firpo próximo a linha ferroviária, da qual chegava muitas das mercadorias trazidas pelo trem.

Devido a várias problemáticas de logística, foi transferido o embarque e desembarque de passageiros para o Siqueira Campos, com a construção da segunda Estação ferroviária, a Estação da Leste, inaugurada em 7 de setembro de 1950 (JESUS, 2017). Na década de 50 o bairro já contava com três cinemas: 'Bonfim' e 'Vera Cruz' na rua Carlos Correia (antiga rua Goiás) e o 'Plaza' na Rua Santa Catarina (hoje a Catedral da Igreja Universal).

Figura 4: Cine Vera Cruz, na rua Carlos Correia.



Fonte: Jornal A Cruzada, disponível em aracajuantigga.blogspot.com acessado em 10/12/20.

O bairro desde a década de 30 contou com o surgimento de instituições de ensino públicas e privadas, como a Escola Estadual Rodrigues Doréa (1939), a Escola paroquial Instituto Dom Fernando gomes (1964), a Escola Estadual General Siqueira (1965), Educandário Cristo Rei (1975), Escola Municipal Presidente Vargas (--). Bem como outros espaços de serviços, lazer e infraestrutura: Biblioteca Municipal Clodomir Silva (1961), o Cemitério público São João Batista (1964), Estádio João Hora de Oliveira (1970), a segunda unidade do SESC (1971) em Sergipe.

Em 1967, foi instalada no Siqueira Campos a primeira fábrica de cimento de Sergipe. Entre a rua do Acre e a Av. Rio de Janeiro, às margens da linha férrea com o intuito de facilitar o despacho da produção. Além da região ser considerada afastada da cidade, porém já haviam moradias no entorno (OLIVEIRA, 2012). A fábrica possuía 360 funcionários e chegou a produzir 400 toneladas de cimento por dia.

Porém o funcionamento da fábrica causou impacto direto nas proximidades, principalmente ao Bairro América devido a direção dos ventos litorâneos. A poeira ocasionada do pó do calcário causou impacto na saúde dos moradores, ocasionando mortes. Isso fez com que ocorressem manifestações para o fechamento da fábrica, por parte da população e lideradas pelo Frei Florêncio. Sendo depois a fábrica desativada e toda a produção de cimento por parte da empresa ficou a cargo da Cimesa no município de Laranjeiras (CAJAZEIRA, 2011, p. 69).

3.1.2 O Siqueira nos dias de hoje

Por estar próximo ao Centro da cidade, bem como por ser o primeiro bairro que dá acesso à cidade para quem vem do interior do estado ou outras cidades, através da BR 235. O bairro Siqueira Campos tem intensificado cada vez mais nos últimos anos a atividade comercial, que já se faz presente em toda a sua história. Dentre as atividades comerciais que mais cresceram nos últimos anos no bairro, pode-se observar o comércio relacionado a saúde que vão desde clínicas de consultórios, laboratórios, farmácias de manipulação, entre outros.

Esse comércio é responsável por transformar a Rua Bahia numa das principais ruas do bairro, como também da capital como referência para quem vem do interior à procura de serviços de saúde. No início dos anos 2000, a Rua Bahia contava com as primeiras clínicas do Siqueira Campos, que prestavam serviços de consultas e exames a preços populares, são essas: Laclise, Policlin e Santa Anna. Além disso, já possuía a unidade do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS). Em 20 março de 2006 foi inaugurado na rua Bahia o Centro de Especialidade Médicas de Aracaju (CEMAR Siqueira Campos).

Figura 5: Mapa do bairro Siqueira Campos, com os seus pontos principais.



LEGENDA

PRINCIPAIS INST. RELIGIOSAS

- Congregação Cristã
- Paróquia Nª Sra de Lourdes
- Assembléia de Deus
- Centro Espírita Irmão Fêgo
- Paróquia Santa Rita de Cássia
- Igreja Adventista do 7º dia
- Igreja SUD (Mórmon)

PRINCIPAIS INST. DE ENSINO

- EMEF Presidente Vargas
- EMEI José Garcez Vieira
- Instituto D. Fernando Gomes

- Escola Adventista

- Escola Estadual Gal. Siqueira
- Escola Estadual Rodrigues Dórea
- SESC Siqueira Campos
- Colégio Unificado

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

- CORREIOS
- Instituto Nacional de Seg. Social
- SAMU 192
- CEMAR
- Biblioteca Mun. Clodomir Silva
- Mercado Mun. Carlos Firpo

- Banco do Brasil

- Caixa Econômica Federal
- Polícia Federal

PONTOS IMPORTANTES

- Estação Ferrov. da Leste
- Cemitério S. João Batista
- Indústrias - Hydra Corona
- Vivendas de Aracaju
- Praça Dom José Thomaz
- Rua Bahia

Fonte: Google Earth, 2020. Marcações realizadas pelo próprio autor.

Com a presença do INSS, a implantação do CEMAR e a proximidade da praça Dom José Thomaz, que funciona como ponto de embarque e desembarque dos micro ônibus que fazem o trajeto entre a capital e as diversas cidades do interior do Estado, a Rua Bahia passou a receber grandes fluxos de pessoas que vem do interior em busca de serviços de saúde.

Entretanto, observa-se a expansão dos serviços de saúde ao longo da Rua Bahia, principalmente as atividades de clínicas médicas e laboratórios para exames (muitas filiais de unidades existentes em bairros elitizados), destinados ao atendimento das classes de menor poder aquisitivo provenientes de Aracaju e dos municípios sergipanos, que vem à capital em busca de melhores serviços (DIAGNÓSTICO DA CIDADE DE ARACAJU/SE, 2018, p. 132).

Assim, com o passar dos anos, foi possível perceber antigas residências do bairro se transformarem principalmente em clínicas, mas não só, como já dito o bairro sempre contou com a presença de pequenos comércios. Dentre esse eixo comercial do Siqueira Campos, faz parte da história do bairro as Feiras da Sulanca ou Caruaru (em referência aos produtos vindos de Pernambuco) onde se pode encontrar desde vestuário a eletrônicos. Assim o grande fluxo de pedestres e usuários de serviços do bairro, caracteriza grande parte da economia da região.

Figura 6: Clínicas presentes ao decorrer da rua Bahia.



Fonte: Google Maps, 2021.

E conseqüentemente esse fluxo de consumo ocasionou uma valorização nos imóveis do bairro, tendo em vista uma especulação imobiliária comercial. Esse crescimento comercial na região, vem ocasionando com o passar do tempo uma transformação na paisagem e na vida do bairro. Onde antes havia uma residência, agora habita um comércio, que fecha fora do seu horário de funcionamento. Assim, durante a noite as ruas com quadras de comércio que recebe milhares de pessoas durante dias comerciais, conta com poucos transeuntes trazendo um ar de periculosidade, além dos assaltos recorrentes. Sobre essa transição no cenário do bairro, Elaine Nascimento (2014) pontua:

Durante a noite, quando o comércio e as instituições fecham, essa área diminui bastante seus fluxos de pedestres e de veículos, chegando a uma desertificação em alguns pontos ou se restringindo mais a movimentos de moradores, catadores de lixo reciclável e poucos estudantes. Esta última situação ocorre também nos finais de semana que decorre, também, da carência de áreas de lazer e recreação. Durante o dia há a sensação de mais segurança pela grande quantidade de pessoas nas ruas e muita poluição sonora, mas à noite e nos finais de semana, as ruas se tornam perigosas (NASCIMENTO, 2014, p. 50).

Apesar de ser uma característica sempre presente na história do bairro, o crescimento das atividades comerciais vem aumentando a cada ano e alterando a rotina e a ocupação do uso do bairro.

O Siqueira Campos, o mais antigo subcentro da cidade, continua perdendo suas características residenciais, em substituição ao uso comercial, mesclando-se então, como bairro comercial-residencial, “porém atingindo um certo nível de exaustão em sua dinâmica terciária”, especialmente “em função do saturamento de espaços comercializáveis” (COSTA, 2006, p.152). De acordo com os dados do cadastro imobiliário contabilizam-se em 2012, 837 usos voltados para essas atividades, sendo 377 comércios e 459 serviços, o que corresponde a 21,22% do total dos usos do bairro (DIAGNÓSTICO DA CIDADE DE ARACAJU/SE, 2018, p. 131)

O bairro ainda possui muitas residenciais, porém há várias quadras fragmentadas pelo uso somente em horários comerciais. E isso acaba por afetar diretamente outra forte característica: a de ser um bairro residencial. O Siqueira Campos já foi o mais populoso de Aracaju com 36.474 habitantes (ALMEIDA NETO, 2012). No ano de 1991, porém, já contava 17.076 habitantes, decrescendo em 2010 para 14.525. O valor da projeção da população para 2020, segundo dados do IBGE, foi de -1,28% (DIAGNÓSTICO DA CIDADE DE ARACAJU/SE, 2018, p. 147). Evidenciando assim a diminuição da população na região em detrimento do crescimento das áreas de comércio e a conseqüente especulação imobiliária.

3.2 METODOLOGIA

3.2.1 Pesquisa etnográfica

Para desenvolvimento do presente trabalho, foi adotada como metodologia uma abordagem qualitativa; especificamente a pesquisa etnográfica. A Etnografia é uma metodologia originária da Antropologia, onde se busca adentrar na cultura e no cotidiano de determinado grupo e assim, analisar sua realidade social e suas formas de se relacionar. Sendo parte necessária para o desenvolvimento de tal metodologia a inserção no universo do grupo que se busca estudar, o que implica uma observação participante.

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades, os modos de vida do indivíduo ou do grupo social. Faz um registro detalhado dos aspectos singulares da vida dos sujeitos observados em suas relações socioculturais. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do método etnográfico, descritivo por excelência (SEVERINO, 2014, p. 90).

Carlos Nogueira Fino, no seu artigo “A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais” cita três tipos de observação participante consideradas por Adler e Lapassade: periférica, ativa e completa. Sendo a observação participante completa pertinente ao observador que é membro da comunidade (FINO, 2004, p. 5).

Sendo assim, este trabalho buscou observar o microssocial do condomínio fechado. Através de uma observação participante completa que durou aproximadamente um ano, como condômino. Onde buscou-se inicialmente a compreensão de questionamentos ligados ao urbano, despertados durante o curso, e a relação com a vivência pessoal de cidade e suas problemáticas. Além das observações do cotidiano intramuros, foram feitos levantamento fotográfico e conversas com moradores, aos quais foram considerados informantes chaves, com o intuito do condômino expor as suas percepções sobre o seu modo de morar e os possíveis impactos fruto deste.

As entrevistas inicialmente se deram por conversas através de abordagem nas áreas comuns do Condomínio Vivendas de Aracaju, objeto de estudo deste trabalho. Porém, devido à pandemia pelo COVID-19, seguindo as orientações da OMS, para se alcançar o objetivo de 20 informantes

chaves houve a indicação dos moradores que já haviam participado de outros moradores informantes.

3.3 CONDOMÍNIO VIVENDAS DE ARACAJU

3.3.1 Caracterização Geral do Condomínio

O condomínio Vivendas de Aracaju está localizado no bairro Siqueira Campos, Zona Oeste de Aracaju. O condomínio ocupa a área onde foi inserida a primeira fábrica de cimento de Sergipe, que como já dito, foi transferida para o município de Laranjeiras devido ao grande impacto que causou a saúde da população do Bairro América. Assim o grande vazio urbano que restou da fábrica deu lugar ao condomínio. Localizado entre a rua do Acre e a Avenida Rio de Janeiro.

Figura 7: Localização do Condomínio Vivendas de Aracaju.



Fonte: Arquivo Especial de 1968 de Junior Gomes. Disponível em:
<http://grupominhaterreaesergipe.blogspot.com/2012/11/antiga-fabrica-de-cimento-de-sergipe.html>.
Acesso em: 12 de outubro de 2020 às 16:00.

É um empreendimento do ano 2000 da Construtora Norcon, lançado com três tipologias de habitação: sendo duas térreas e uma tipologia com dois pavimentos, variando de 74 a 83 m². Resultando em 485 residências, divididas em 17 quadras, sendo assim o maior condomínio horizontal em números de habitação de Aracaju.

Figura 8: Banner inserido na entrada principal do Vivendas de Aracaju, com o intuito de facilitar a localização.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

O condomínio possui atualmente duas entradas localizadas na Av. Augusto Franco (antiga Av. Rio de Janeiro) e na Rua Armando Fontes (Conjunto Costa e Silva), ambas com portaria e acesso para pedestres e veículos; sendo a da Rua Armando Fontes exclusiva para moradores que possuem cartão magnético de acesso do condomínio.

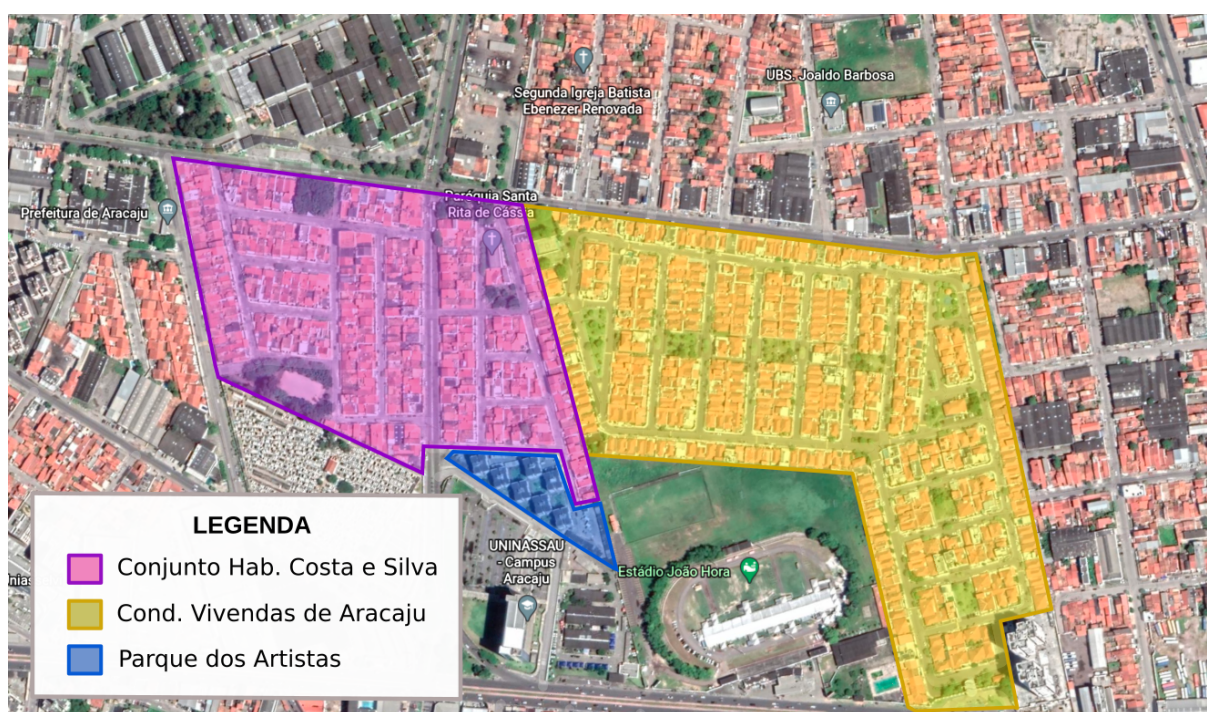
Figura 9: Mapa com a localização das entradas do Condomínio e principais ruas adjacentes.



Fonte: Google Earth, 2020.

O empreendimento surge numa região já relativamente consolidada, tendo em vista toda a estrutura do bairro Siqueira Campos como também a proximidade com dois Conjuntos Habitacionais implantados pela COHAB/SE, o Conjunto de casas Costa e Silva (1972) e o de apartamentos Parque dos Artistas (1982).

Figura 10: Mapa indicando o Vivendas e conjuntos habitacionais adjacentes.



Fonte: Google Earth, 2020. Setorização realizada pelo próprio autor.

Devido à grande extensão do condomínio, e apenas duas entradas de acesso, boa parte do que o Vivendas de Aracaju mostra para a cidade são seus muros, criando assim uma grande barreira de fluxo seja de pedestres ou veículos na cidade.

3.3.2 Aspectos gerais do interior do Vivendas de Aracaju

Figura 11: Setorização das áreas comuns do Vivendas de Aracaju.



Fonte: Google Earth, 2020. Setorização realizada pelo próprio autor.

Em termos de estrutura comum, o condomínio possui um pequeno centro comercial, com algumas áreas para mercearia, salão de beleza, etc. Conta ainda com 8 praças, 2 salões de festas e 2 quadras esportivas.

Figura 12: Comércio interno.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Das 8 praças localizadas no condomínio, 5 delas possuem um padrão semelhante: intercaladas entre as quadras e entre os lotes, já as outras 3 praças se diferenciam por não estarem contidas entre os lotes e em pontos importantes para o condomínio, como: a praça que permeia o entorno do comércio interno, a praça localizada em

frente ao salão de festas e a praça localizada imediatamente a entrada exclusiva de moradores.

Figura 13: Equipamentos de atividade física na praça próxima a entrada exclusiva de moradores.



Fonte: Mariana Sousa, 2020.

As praças de maneira geral contém as áreas verdes do condomínio, como também possuem mobiliários voltados para crianças, e de lazer como bancos e quiosques, onde algumas possuem também equipamentos voltados para atividade física.

Figura 14: Praça do Vivendas de Aracaju.



Fonte: Mariana Sousa, 2020.

Figura 15: Quiosque em uma das Praças do Vivendas de Aracaju.



Fonte: Mariana Sousa, 2020.

Em termos das ruas é possível perceber o grande número de sinalização para facilitação de circulação no condomínio, tanto para pedestres como também para os veículos.

Figura 16: Sinalização das ruas.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Para além das placas de sinalização, o condomínio possui placas indicando a existência de câmeras de segurança (que foram implantadas em 2019) e placas direcionadas para os donos de cachorro com sacos de lixo para catar as fezes dos animais.

Figura 17: Sinalização de câmera de segurança.



Foto: próprio autor, 2020.

Figura 18: Sinalização destinada aos donos de cachorro de estimação.



Foto: próprio autor, 2020.

No que diz respeito a qualidade das ruas do Vivendas é possível notar que estas foram pensadas para os automóveis tendo em vista que as calçadas em sua maioria não permitem a caminhabilidade, seja através: da largura, dos desníveis ou dos elementos presentes nas calçadas como árvores, postes, etc. Assim resta ao pedestre o mesmo caminho dos carros, que além disso é dificultado pelas grandes

distâncias, como também pelo revestimento de asfalto que durante o dia absorve muita energia solar.

Figura 19: Poste dificultando a caminhabilidade na calçada.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Na Figura 13 acima, é possível perceber como a calçada é estreita e os obstáculos que surgem ao decorrer delas, dificultando a caminhabilidade; como também a incidência solar. Os únicos trechos favoráveis para a caminhabilidade no condomínio estão entre as quadras que intercalam as praças contidas entre os lotes. Sendo possível atravessar o condomínio em extensão de forma mais agradável. Tendo em vista que esses caminhos se encontram entre as residências, ocasionando sombra, e sendo exclusivo para pedestres.

Figura 20: Corredor de passagem localizado entre os lotes.



Foto: Acervo pessoal do autor, 2020.

De maneira geral o condomínio Vivendas de Aracaju oferece uma boa estrutura aos seus moradores, com praças, equipamentos de lazer, áreas verdes, etc. Porém, ainda assim, é possível perceber que as ruas foram pensadas para os carros tanto através da falta de espaço nas calçadas, como na pavimentação da via.

3.3.3 Entorno Imediato

O condomínio Vivendas de Aracaju, como dito anteriormente, é limítrofe ao conjunto habitacional Costa e Silva; limítrofe devido à separação demarcada pelo muro, para não dizer a mesma comunidade. Pois o acesso ao Vivendas está localizado no próprio conjunto, havendo de se considerar também a convivência dos moradores de ambos conjuntos. O acesso exclusivo para os moradores do Vivendas dá na Praça do Costa e Silva, a qual possui a Paróquia Santa de Rita de Cássia e também é um dos espaços de convivência dos moradores, além do comércio da região. Para além disso, existe uma certa similaridade paisagística entre a área interna do Vivendas e as ruas do Conjunto Costa e Silva.

Figura 21: Rua do Condomínio Vivendas de Aracaju.



Foto: Acervo pessoal do autor, 2020.

Figura 22: Rua do Conjunto Costa e Silva.



Fonte: Google Earth, 2020.

Um conjunto habitacional fruto da iniciativa privada e o outro de uma iniciativa mista, partindo do Estado. Um murado o outro não, a primeira e maior diferença. As semelhanças se aplicam ao traçado das quadras planejadas, as larguras das ruas e a semelhança arquitetônica entre as casas tendo em vista que cada conjunto possuía a sua tipologia, mas ao longo dos anos as intervenções de reforma feitas pelos proprietários trouxe a similaridade advinda das referências arquitetônicas populares da população da região.

A existência do muro no Condomínio Vivendas é responsável também pelas pequenas diferenças que surgem entre as ruas do conjunto e do condomínio. Como: a pavimentação das ruas, sendo as do Vivendas de asfalto e as do Costa e Silva de calçamento; apesar de murado, muitas das casas do condomínio Vivendas receberam muros em volta do lote assim como as do Costa e Silva que para além do muro algumas receberam cercas elétricas como aparato de segurança. Sendo pertinente pontuar que o limite do Bairro Siqueira Campos entre o Bairro América na região se dá justamente até o limite do Conjunto Costa e Silva e o muro do Condomínio Vivendas na rua Acre.

Para além da divisão geográfica entre o Siqueira Campos e o Bairro América durante a extensão da Rua Acre, há barreiras físicas demarcadas como o muro da

fábrica Hydra-Corona e a extensa porção de muro (475 m) do Condomínio Vivendas de Aracaju. No perímetro da Rua Acre onde está o muro do condomínio, do outro lado da rua há a presença de algumas residências, mas a maior parte das ocupações é de comércio, como: academia, construtora, material de construção e a maior parte lojas automobilísticas. Sendo neste trecho as calçadas da parte comercial mais largas voltadas para vagas de estacionamento dos comércios; porém o que define de qual lado da calçada o pedestre vai andar é a incidência solar que altera drasticamente durante o dia tendo em consideração o norte geográfico.

Figura 23: Rua Acre, a presença do comércio e do muro do Vivendas.



Fonte: Google Earth, 2020.

Seguindo a extensão do muro e o entorno partindo da entrada do Vivendas na Rua Armando Fontes, passando pela Rua Acre, o limite do condomínio se dá na Tv. Campo do Brito. Nessa região a extensão do muro se dá basicamente até a av. Rio de Janeiro, tendo em vista o muro do terreno que passou anos murado e desocupado e que atualmente está sendo finalizada a obra de um condomínio vertical. A única relação dessa parte do Siqueira Campos com o condomínio é somente o muro, onde três ruas que atravessam o bairro (e seguem até o bairro 18 do Forte) tem seu fim no muro do Vivendas. São estas: R. Distrito Federal, R. Sergipe e R. Bahia.

Figura 24: Final da rua Distrito Federal no Muro do Vivendas.



Fonte: Google Earth, 2020.

É possível perceber que nessa lateral do condomínio (Tv. Campo do Brito), ao qual não existe nenhum acesso deste com a cidade; a única relação que existe com as casas desta região do bairro com os moradores do Vivendas é o muro e um provável aumento no fluxo de veículos do condomínio que passam por ali. Também diferentemente das casas do Costa e Silva, nessa região as residências são mais simples deixando nítida que desse lado do muro vive uma classe social menos abastada e expressivamente ignorada.

Figura 25: Final da rua Bahia no Muro do Vivendas.



Fonte: Google Earth, 2020.

Figura 26: Tv. Campo do Brito e o Muro do Vivendas.



Foto: Google Earth, 2020.

Na Av. Augusto Franco (antiga Av. Rio de Janeiro), o muro do Condomínio Vivendas de Aracaju aparece em menor proporção (85 m) em comparação ao extenso muro da Rua Acre (475 m) e de forma menos impactante; tendo em vista que é onde se encontra a entrada principal do condomínio e por conta disso existe um apelo estético, com ajardinamento e o elemento de separação agora são grades que permitem uma visualização tanto de fora quanto de dentro. Vizinho ao Vivendas está o Estádio João Hora, ao qual compartilham aproximadamente 520 metros de muro, completando assim essa grande barreira na circulação de pedestres.

Figura 27: Entrada principal do Condomínio na Av. Augusto Franco.



Fonte: Google Maps, 2020.

Apesar da entrada principal do Vivendas estar localizada na Av. Rio de Janeiro e logo em frente haver uma região residencial; não existe uma relação direta entre os moradores do Vivendas e dessa região do bairro Pereira Lobo. Isso se deve ao fato também da Av. Rio de Janeiro ser uma importante via de veículos para a cidade, e funciona como uma barreira aos pedestres neste trecho, bem como atrelado a isso o acesso a essa entrada do condomínio se dá em sua maioria por automóveis.

Assim, é possível notar que as relações dos condôminos do Vivendas com o seu entorno se dá de forma pontual com a região do Conjunto Costa e Silva devido ao acesso presente no conjunto, e também por ele se dá frente a uma praça que possui uma Paróquia, além de dar acesso aos comércios da região; diferentemente do acesso principal que está localizado em uma avenida de grande fluxo de veículos e que funciona, a seu modo, como uma barreira.

3.3.4 Habitações

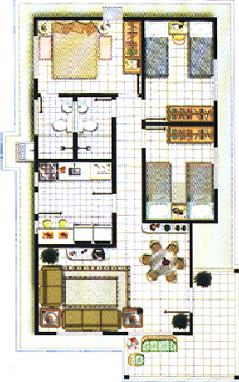
A tipologia das casas do Condomínio seguia um padrão básico de construtora com 3 dormitórios, sendo um suíte, exceto na tipologia de dois pavimentos porém ainda assim com 2 banheiros. As casas também possuíam acabamentos básicos.

Figura 28: Casa térrea padrão da construtora.



Fonte: Norcon, 2000.

Figura 29: Tipologia das habitações do Vivendas de Aracaju.

			
PAV. INFERIOR	PAV. SUPERIOR		
CASA SOBRADO MODELO CS = 83,45 m ²		MODELO CL = 79,18 m ²	MODELO CM = 74,61m ²

Fonte: Norcon. Disponível em:
http://hotsite.norcon.com.br/vendas_oec_cond_vivendas_de_aracaju.htm. Acesso em 10 de setembro de 2020 às 14:15.

Devido a tranquilidade do condomínio é pode-se notar algumas apropriações da moradia que não são usuais em casas inseridas na cidade. Como o uso, na maioria das casas, da garagem como espaço de convívio; seja como sala de TV ou sala de jantar. Isso é possível devido a esse espaço ser mais aberto e consequentemente ventilado, atrelado ao fato de que as ruas são mais tranquilas, tanto no quesito de veículos como pedestres.

Figura 30: Residência que foi totalmente demolida para a construção de uma nova.



Foto: Acervo pessoal do autor, 2020.

Atualmente é possível perceber que muitas das casas foram modificadas, alterando o modelo original da construtora, tendo sido algumas até demolidas por completo dando lugar a casas mais luxuosas. E de maneira geral foram acrescentados nos lotes das casas muros, mesmo havendo essa segurança de controle do acesso, cercas elétricas no entorno e todo aparato de segurança; percebe-se a necessidade de separação, física e visual, do espaço íntimo da casa e da área comum ao condomínio.

Figura 31: Casa padrão da construtora (esquerda) e uma que passou por reformas (direita).



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

As reformas/demolições nas casas evidenciam um processo de valorização do Vivendas desde a sua inauguração. Muitas das residências com plantas básicas, e arquitetura simples construídas pela Norcon se tornaram hoje casas com um apelo arquitetônico contemporâneo, fazendo uso de diversos revestimentos e materiais construtivos. Observar a Figura 26 que mostra uma casa que ainda mantém o padrão da construtora ao lado de uma que passou por reformas e adição de muro. Analisar também a Figura 27 na página seguinte, de uma casa que foi totalmente modificada, sendo possível perceber a diferença, em acabamentos e tamanho, do padrão das casas construídas pela Norcon.

Figura 32: Casa totalmente modificada em relação às construídas pela Norcon.



Foto: Acervo pessoal do autor, 2020.

Nas Figuras 27 e 26, é possível perceber que muitas casas passaram por um processo de reforma que evidencia o crescimento do padrão social do condomínio, e que está atrelada a valorização imobiliária do Vivendas. Possuem diversos revestimentos demonstrando o investimento ad li feito; como também o aumento no tamanho das casas (que antes possuía o essencial) ocupando geralmente todo o lote. É possível observar ainda nos exemplos acima a redução das áreas permeáveis de vegetação. Em alguns casos, nesses processos de reforma, ocorrendo a eliminação por completo dessas áreas permeáveis, como é possível perceber andando pelo condomínio.

Figura 33: Contraste entre uma casa totalmente reformada (esquerda) e uma padrão Norcon (direita).



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Observar na Figura 28 da página anterior, contraste entre uma casa que foi totalmente reformada e uma que apresenta modificações, mas ainda assim possui características da casa construída pela Norcon. A possibilidade de morar em uma casa com segurança, atrelada à localização central e próxima a vários equipamentos de serviços tem transformado o condomínio Vivendas de Aracaju em moradia para as classes médias e altas. Sendo importante chamar a atenção para que o bairro Siqueira Campos, ao qual está localizado o Vivendas, no seu surgimento e durante a sua história é moradia primordialmente de classes médias baixas. E assim como toda cidade brasileira, no decorrer do seu desenvolvimentos essas populações menos abastadas vão sendo afastadas das regiões centrais.

Figura 34: O valor médio de imóveis no Vivendas de Aracaju.

	Casa no Vivendas de Aracaju	R\$ 850.700	25 dez 23:20
	À venda 3 quartos 230m² 2 vagas		
Aracaju, Siqueira Campos - DDD 79			Profissional
	Casa a venda no Vivendas de Aracaju-4/4!	R\$ 600.000	29 dez 21:20
	À venda 4 quartos 3 vagas		
Aracaju - DDD 79			Profissional

Fonte: Site de vendas OLX, 2020.

3.2.4 Cotidiano

No que diz respeito ao cotidiano do Vivendas de Aracaju, através das observações enquanto morador e pesquisador, é possível notar durante a semana pelo horário da manhã entre 6:30 e 8:00h, um grande movimento de saída de veículos e em contrapartida um considerável fluxo de entrada de pedestres. A explicação desse movimento é a saída dos moradores (de carro) para o trabalho e a chegada de trabalhadoras domésticas que se destinam às residências do condomínio.

Assim, durante o dia as ruas do Vivendas possui um menor movimento de pessoas, tendo em vista que boa parte dos moradores estão no trabalho ou nos afazeres

domésticos ou também pelo grande desconforto térmico causado pelo sol. Sendo possível observar que a movimentação que ali ocorre durante esse turno é de alguns carros, mais pontualmente, e dos funcionários responsáveis pela limpeza do condomínio.

Durante os horários de pico no final do dia, o fluxo de entrada de veículos aumenta consideravelmente no condomínio Vivendas (devido ao retorno dos moradores do trabalho), o que juntamente com o fluxo intenso nesses horários da rua Acre e da rua Poeta José Sampaio, acabam por criar um congestionamento na Rua Armando Fontes, onde está localizada a entrada exclusiva de moradores do Vivendas.

No decorrer da semana nos horários de fim de tarde e noite as ruas do condomínio se tornam mais movimentadas. É possível ver os moradores desempenhando diversas atividades pelo condomínio, como: atividades físicas, seja caminhando ou andando de bicicleta; passeio com animais de estimação; conversas pelas praças; crianças brincando nos parquinhos; alguns moradores sentados à porta de suas casas; futebol nas quadras. No horário da noite o único serviço efetuado dentro do Vivendas é a coleta do lixo por parte da empresa TORRE.

Figura 35: Carros estacionados nas ruas do Vivendas.



Fonte: Mariana Sousa, 2020.

Já durante os finais de semana as ruas do Vivendas recebem um grande volume de carros estacionados, isso devido ao hábito dos moradores de estacionar os carros na rua por causa da segurança 'garantida' (e como já dito anteriormente dar outros usos a garagem), acrescido de veículos de visitantes.

Em datas comemorativas como: São João, Natal, virada de ano etc., é comum a ocorrência de eventos promovidos pela administração do Vivendas nos salões de festa, sendo geralmente a participação do condômino garantida mediante ao pagamento de uma taxa. Fora desse contexto, ocorre também a chamada Confraria que é um evento aberto a todos os moradores, onde alguns moradores que demonstram interesse se cadastram e expõem produtos comercializados por eles, desde artesanato, roupas, até comidas.

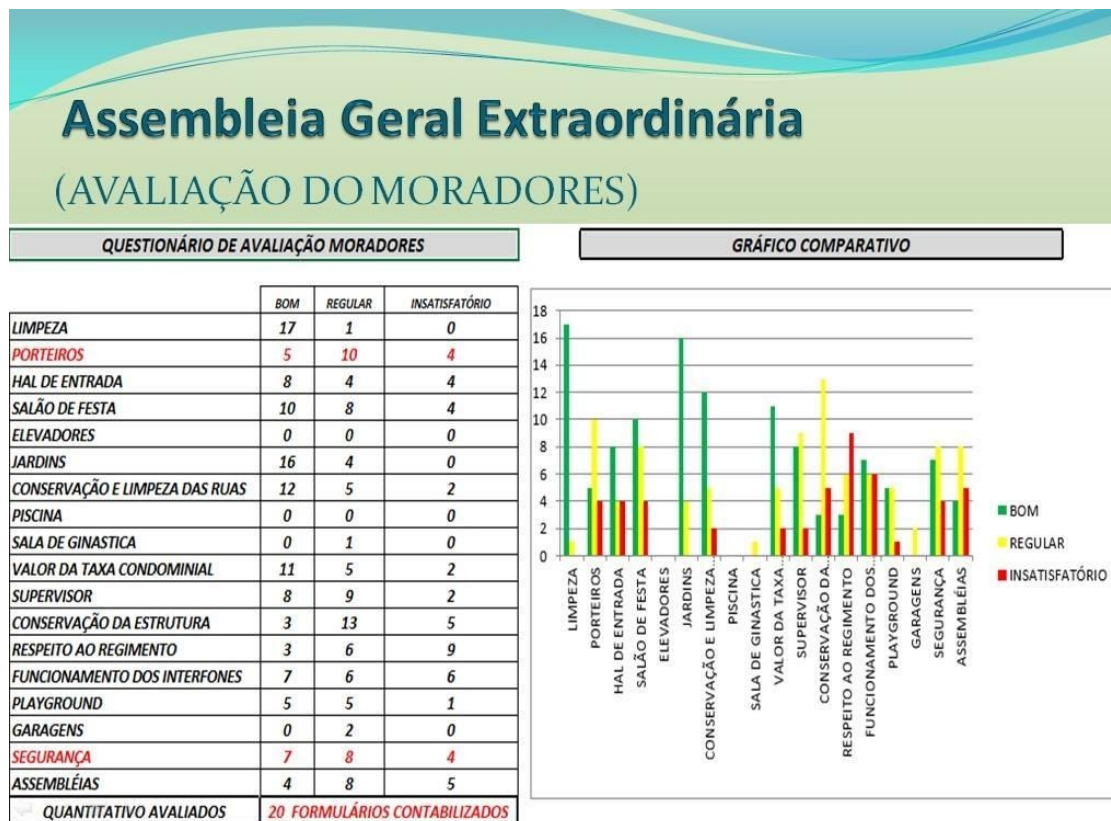
Em uma página do Condomínio Vivendas de Aracaju no Facebook, criada em 2014 então pela gestão do novo síndico que começava assumir a administração do condomínio, há a exposição de dados referentes à 1ª assembleia extraordinária da nova gestão. Esses dados são referentes a um formulário que tinha como objetivo que os moradores contassem suas reivindicações, como também avaliassem os serviços prestados pelo Vivendas.

Figura 36: Reivindicações dos moradores em assembleia do condomínio.

(AVALIAÇÃO DO MORADORES)	
Reivindicações:	
1º	Cancela eletrônica, para liberação do acesso através de cartão exclusivo de morador;
2º	Conscientização dos moradores, em respeito e cumprimento do regimento interno;
3º	Melhoramento em equipamentos de segurança, criação de site ou blog, para interação com os moradores;
4º	Ter manutenção ostensiva nas vias; em tratamento do asfalto danificado, e ações preventivas contra enchentes;
5º	Eventos de confraternização aos moradores, jovens idosos e crianças;
6º	Portões de acesso aberto por muito tempo, principalmente nos finais de semana;
7º	Construção de quebra mola na rua "J", próximo a praça, criação de adesivo de geladeira, custando tel e ramais uteis no condomínio;
8º	Reformas nas residências fora dos horários;
9º	Implantação de mais aparelhos para atividades físicas nas praças, melhorias no salão de festas, e sistema de interfones;
10º	Solicitar cursos ao SENAC no salão de festas para os moradores, e cumprimento ao regimento das infrações pelos moradores;
11º	Solução do problema com a DESO;
12º	Climatizar o salão de festa;
13º	Melhor controle na portarias, onde os moradores acessam sem o adesivo e faróis acessos, realizar uma Campanha educativa.
14º	Construção de uma churrasqueira no salão de festa, Ativar a quadra de futebol de areia, promover torneios;

Fonte: página do Condomínio Vivendas de Aracaju no Facebook, 2020.

Figura 37: Questionário aplicado na assembleia e gráfico comparativo sobre as opiniões dos moradores.



Fonte: página do Condomínio Vivendas de Aracaju no Facebook, 2020.

A partir desses dados podemos observar que para além da reivindicação de melhorias, muitas giram em torno de questões de segurança e relacionadas ao regimento interno do condomínio, ao que se tratando deste último no gráfico é possível observar que maioria dos moradores que participaram da assembleia consideraram o respeito ao regimento interno insatisfatório. Sendo importante observar que no universo de 485 residências apenas 20 formulários foram preenchidos. O que nas conversas feitas com os condôminos, para desenvolvimento do presente trabalho, foi identificado que a maioria dos informantes chaves responderam não participar das reuniões de condomínio.

Ainda sobre o levantamento feito pela administração do condomínio, nota-se que apenas 7 moradores consideraram a segurança do Vivendas boa e os outros participantes do levantamento consideraram regular ou insatisfatório. Esse dado evidencia assim a frequente preocupação dos moradores com a segurança, sendo necessário sempre aprimorar ou atualizar. E isso se concretiza a partir das

mudanças nesse quesito feitas ao decorrer dos anos: como a implementação de cancelas eletrônicas, do cartão magnético que cada morador possui para ter acesso ao Vivendas, das câmeras de segurança que foram instaladas em 2019, dentre outras.

Apesar da observada tranquilidade do Vivendas nos seus espaços de convivência, do lazer que a sua estrutura oferece, percebe-se também (a partir do levantamento da administração do condomínio como também das conversas com os informantes para desenvolvimento deste trabalho) uma constante preocupação e reivindicação com a segurança. E que é justificada a partir do que o condomínio promete e cobra para ser, seguro do caos urbano e dos marginais citadinos.

3.4. ANÁLISE DE RESULTADOS

3.4.1 A necessidade de muros

Os condôminos entrevistados moram em sua maioria há mais de 10 anos no Condomínio Vivendas de Aracaju e em sua maioria têm idade entre 37 e 66 anos, havendo entrevistados mais jovens e mais velhos. As entrevistas completas estão transcritas nos Anexos do presente trabalho de conclusão. Quando perguntados a respeito dos motivos de optar por um condomínio fechado e porque o Vivendas, as respostas em sua maioria giram em torno da segurança e tranquilidade, bem como o fato da possibilidade de se poder morar em uma casa com garantia de proteção. O Informante B, sexo masculino, 59 anos, esboça na sua resposta que o maior atrativo foi a segurança, e pontua que não é o lugar mais seguro, mas que no cenário atual das cidades é uma boa opção para se viver com tranquilidade:

Mais seguro né! É condomínio, ele ainda é um local que oferece um pouco de segurança para a gente. Soltar criança para brincar na rua hoje é difícil, muito arriscado né e o condomínio fechado, já é mais limitado a entrada de pessoas. A gente sente um certo conforto, uma segurançazinha. Não é que é o melhor... o lugar mais seguro do mundo, mas ainda é um lugar bom para se morar, é condomínio... condomínio fechado. E na realidade aí fora tá muito complicado. Aqui você senta, fica com o celular na mão, lá fora você não consegue... mesmo numa praça pública aí, você pode sentar, mas fica preocupado... podem tomar! Mas aqui já é mais difícil, não vou dizer que não pode acontecer... pode né, porque o mundo tá muito difícil da gente viver, mas a gente até fica mais tranquilo aqui com as crianças brincando (INFORMANTE B, 2020).

Quando perguntado se gosta de morar no Vivendas, o Informante B pontua que a segurança oferecida traz tranquilidade e acredita que todos os condomínios sejam assim. Coloca ainda que o controle do acesso ao condomínio é fator importante, já que “[...] não é qualquer pessoa que entra.”, pontuando que mesmo os funcionários precisam pedir permissão ao morador para entrar:

Ah, aqui é excelente, um condomínio muito bom. Eu acredito que todos os condomínios são assim, são bons também. Por causa dessa segurança, dessa tranquilidade que traz, você pode ficar à vontade, você tem um portão para abrir para você passar, ele fecha. Então isso aí já dá uma impressão boa. As pessoas que entram são convidadas, não é qualquer pessoa que entra. Para entrar, pode ser um funcionário, uma diarista, a gente que libera a entrada para eles. Então a gente sente um pouco de segurança, não tem jeito! (INFORMANTE B, 2020).

A informante L, sexo feminino, 21 anos, também esboça essa percepção de que um condomínio fechado está atrelado a segurança quando perguntada sobre o porquê da escolha do Vivendas:

Porque, por ser um condomínio de casas, atendia o nosso desejo de morar numa casa e, por ser um condomínio fechado, nos traz também a segurança de que um condomínio comum é dotado (INFORMANTE L, 2020).

Em alguns casos a mudança para o condomínio se deu após uma experiência com crimes na residência anterior, como é o caso da Informante A, sexo feminino, 78 anos que morava numa residência no bairro Pereira Lobo, que é limítrofe à região do condomínio Vivendas e teve a sua casa invadida e roubada:

Autor: Porque você saiu de lá?

Informante A: Com medo dos ladrões.

Autor: Mas, chegou a acontecer alguma coisa?

Informante A: Chegou, um dia eu fui trabalhar quando eu cheguei [...] não me levaram porque eu não estava em casa (risos). Levaram tudo! Minhas joias todas, tudo, tudo, tudo! Até o que tinha dentro da geladeira viajou, foi de caminhão. Levaram tudo!

Autor: Depois disso você ficou com medo de morar lá?

Informante A: Ah, sai de imediato (INFORMANTE A, 2020)

Em alguns casos a violência se manifestou de forma mais traumática, como relatou a Informante C, sexo feminino, 46 anos, ao responder a segurança como porquê de sua escolha pelo condomínio e pontua que ainda assim, devido ao trauma, teve dificuldades para estar no espaço comum do condomínio:

Por causa da segurança. Fui assaltada na minha casa, na porta mesmo de casa. Eu estava chegando, 8 horas da manhã, daí o cara botou uma arma

na minha cabeça. Foi bem traumatizante, até quando cheguei aqui tinha medo de ficar na porta. Porque acostumada com lá de surgir alguma coisa, um motoqueiro. Mas agora tô tranquila, o que me trouxe foi a segurança. É uma falsa segurança, mas é mais seguro de que [...] (INFORMANTE C, 2020)

A Informante C, tem consciência de que a segurança que o condomínio oferece seria uma falsa segurança, tendo em vista que é restrita a um determinado grupo de pessoas e não resolve o problema da violência nas cidades; porém depois de um trauma o condomínio foi a saída para ela começar a se sentir segura novamente.

Dentre as respostas sobre o porquê morar no Vivendas, aparecem também o fato de se tratar do conforto de morar em uma casa segura e também a localização do condomínio, tendo em vista a proximidade com diversos espaços de serviço na região, como o Centro, como também a proximidade com duas importantes avenidas de Aracaju que facilita o fluxo para outras regiões da cidade, a Av. Augusto Franco (antiga Av. Rio de Janeiro) e Av. Tancredo Neves. A Informante C explica o processo de procura depois de precisar mudar da sua casa por conta do assalto:

É, meu marido não gosta de apartamento, então a gente ficou procurando um condomínio de casa mesmo. Só tinha mais para o lado da Orla né, de lá da Expansão [...] mas como a minha mãe mora para cá, a gente preferiu aqui. É bem centralizado, pertinho do centro (INFORMANTE C, 2020).

A Informante H, sexo feminino, 46 anos, também atrela a escolha do Vivendas por se tratar de um condomínio de casas e assim considerar seguro acrescido de estar localizado em uma região centralizada. Importante observar que ela morava em uma casa no bairro Luzia, relativamente próximo ao Vivendas de Aracaju, mas que lá existia um desconforto com a relação de segurança com a rua:

Autor: Antes de morar lá, onde você morava, casa ou apartamento?

Informante H: Em uma casa, no bairro luzia.

Autor: Você se sentia segura?

Informante H: Não. Era uma rua próxima de uma avenida, com muita circulação de carros e pedestres facilitando furto.

Autor: Porque vocês resolveram mudar para o vivendas?

Informante H: Pela aquisição de uma casa em um condomínio fechado, considerando a segurança e também pela localização. As ruas são muito seguras, podemos deixar o carro na maior tranquilidade (INFORMANTE H, 2020).

Alguns moradores apontaram como ponto importante na escolha do Vivendas, a relação espaço e segurança com o intuito dos filhos crescerem brincando pelas

ruas, mas com segurança. Assim responde a Informante M, sexo feminino, 37 anos, quando questionada sobre o porquê da escolha do Vivendas:

Eu pretendia ter filho e queria que ele tivesse espaço para brincar, pudesse passear pelas ruas, andar de bicicleta, mas com segurança. Justamente por possibilitar o que falei. E por ter me dado ao mesmo tempo uma grande sensação de segurança (INFORMANTE M, 2020).

A Informante E, sexo feminino, 53 anos, pontua que o esposo sempre quis morar em casa, mas ela não cogitava por considerar inseguro, porém a possibilidade de morar no Vivendas agradou a todos já que o problema da segurança estaria solucionado, além do filho na infância ter a possibilidade de usufruir dos espaços com segurança:

Meu esposo sempre quis morar em casa, para ter espaço (varanda) para mexer nas motos dele, mas eu nunca quis morar em casa por achar insegura. Então quando meu pai quis vender o apartamento que a gente morava e comprar uma casa aqui, todos gostamos da ideia pois também teria mais espaço para o caçula que na época tinha 9 anos brincar e por ser condomínio fechado é seguro. Minha irmã mora aqui desde o início do condomínio, então já conhecíamos o condomínio (INFORMANTE E, 2020).

Através das narrativas dos moradores nas respostas quando perguntados o “porquê do condomínio, o porquê do Vivendas?”, é possível notar que a segurança está sempre presente seja devido a ausência dela, em casos de violência vividos, ou pelo imaginário de que é necessário uma proteção do caos urbano. A possibilidade de viver em uma casa e criar os filhos com espaço para brincar com tranquilidade. Assim o condomínio cria a sua narrativa no espaço da cidade, através da segurança.

3.4.2 O morar murado

Através das conversas com os informantes chave foi possível perceber que alguns moradores utilizam os espaços comuns do condomínio justamente para levar as crianças para brincar, como pontuaram os informantes B, D e J:

Autor: Você sempre costuma vir a pracinha pela tarde?

Informante B: É, eu sempre venho né porque tem a netinha, ela me cobra muito, ela não gosta de ficar em casa. Aí sempre que eu tenho um tempinho a tarde eu puxo ela para cá, até para ver se a noite ela está mais tranquila.guardo um pouco, porque vai ser difícil levar ela de volta (risos) aí tô esperando escurecer, porque aí eu digo: Oh, a lua tá chegando. Para ver se ela vai, porque para ir agora é complicado! (Informante B, 2020).

Autor: E você conhece os seus vizinhos?

Informante D, sexo feminino, 37 anos: Tem uma boa convivência, mas não sou de tá na casa de ninguém, às vezes esse horário sento aqui na porta por causa da minha filha, ela gosta de tá brincando no parquinho. (Informante D, 2020).

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?
Informante J, sexo feminino, 49 anos: Sim, as praças costumo ir com minha filha. (INFORMANTE J, 2020)

Levar os animais de estimação para passear também apareceu com frequência nas respostas referentes aos usos das áreas comuns pelos moradores:

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio? Tipo as praças, o comércio interno.
Informante F, sexo feminino, 41 anos: Sim. Passeio com os cachorros toda manhã e tarde, geralmente passo pelas praças. Vou na mercearia comprar algumas coisas e salão de beleza (INFORMANTE F, 2020).

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?
Informante L: Praças, para passear com meu cachorro e antes do isolamento social ficar com os amigos; quadra de esportes (também para ficar com os amigos); e comércio interno, para comprar as coisas necessárias aqui em casa (INFORMANTE L, 2020).

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?
Informante P, sexo feminino, 49 anos: Sim, a praça, porque levo os cachorros para passear (INFORMANTE P, 2020).

Para além do uso das áreas comuns demandadas por essas atividades citadas anteriormente, as respostas giraram também em torno do uso dos serviços do condomínio, como o comércio interno, os salões de festas, etc.

Autor: No vivendas, você frequenta as áreas comuns, tipo praça?
Informante H, sexo feminino, 46 anos: Sim. O comércio e o salão de beleza. As praças, é muito bom no final do dia. Levar o cachorro para passear. E tem o momento de confraternização dos moradores na confraria (INFORMANTE P, 2020).

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?
Informante T, sexo feminino, 54 anos: Uma vez ou outra utilizo. Utilizo a praça porque tem alguns aparelhos que dá pra fazer física e também o comércio interno. E também utilizo o salão de festa quando tem reunião ou algum aniversário (INFORMANTE T, 2020).

Alguns informantes, porém, responderam que não fazem uso das áreas comuns do condomínio. Quando questionada sobre o uso das áreas comuns do condomínio a Informante C pontuou um certo desestímulo, afirmando que com o passar do tempo conheceu todos esses espaços que o condomínio possui, mas que de vez em quando utiliza o espaço comum para fazer atividade física:

Autor: Você costuma frequentar as áreas comuns?
INFORMANTE C: Muito pouco, vai passando o tempo a gente deixa de andar nas praças, já conhece. Mas de vez em quando faço caminhada (INFORMANTE C, 2020).

No que diz respeito às relações entre vizinhos, os moradores afirmaram existir uma relação mais formal, que ocorre a partir de cumprimentos e não necessariamente de uma convivência. A informante A pontuou a diferença que sentiu ao chegar ao condomínio, dado o nível de proximidade que nutria com os vizinhos da antiga residência, tendo em vista que as relações eram mais de companheirismo:

Autor: Quando você mudou, gostou de morar aqui?

Informante A: Gostei porque me senti mais segura, mas assim o relacionamento com o povo não tem nenhum até hoje.

Autor: É diferente morar numa casa na rua?

Informante A: Ah, lá se eu me candidatasse para alguma coisa eu ganhava! Todo mundo conhecia e ali era um por todos e todos por um.

Autor: Aqui é diferente?

É diferente, eu não sei nem o nome dos meus vizinhos (INFORMANTE A, 2020).

Autor: Você conhece seus vizinhos? Se relaciona bem, convive?

Informante B: Quando a gente tem um tempinho a gente conversa um pouco, só que assim a realidade da vida é muito complicada a gente quase nem tem tempo para conversar. Mas a gente sempre tá conversando quando vê, cumprimenta. Porque o tempo é pouco, a correria... quando sobra 1 horinha assim aí os filhos, os netos pedem sua atenção aí você tem que [...] não dá nem tempo de ir na casa do vizinho (INFORMANTE B, 2020).

Autor: E no Vivendas você conhece seus vizinhos? Vocês têm uma relação próxima?

Informante F: Conheço várias pessoas no condomínio, não tenho nenhuma relação próxima a vizinho não. Conheço alguns. Não todos (INFORMANTE F, 2020).

Autor: Você conhece seus vizinhos? Tem convivência com eles?

Informante G, sexo feminino, 64 anos: Conheço, sei nome onde trabalha quantos filhos tem, somos cordiais mas não temos convivência tipo frequentar a casa, etc. (INFORMANTE G, 2020).

A informante L pontua ter uma convivência com os vizinhos do entorno da sua casa, e também aponta uma convivência fruto da relação através da Paróquia Santa Rita de Cássia, localizada no Conjunto Costa e Silva:

Autor: Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Informante L: Sim, temos relações com alguns, sobretudo os vizinhos das casas do lado a nossa e daqueles que são amigos do convívio da paróquia próxima ao condomínio e que moram nele também (INFORMANTE L, 2020).

Outro fator apontado como positivo pelos moradores sobre morar em condomínio são as normas de regimento interno. Como pontua a informante D sobre possíveis desconforto com vizinhos, afirmando que diferentemente de morar num bairro, no condomínio a situação pode ser resolvida interfonando para o porteiro:

Autor: E você gosta de morar no Vivendas?

Informante D: Com certeza, mais seguro. Não tem bagunça, barulho. Porque aqui a gente paga o condomínio, se alguém tiver fazendo barulho a gente já interfona e resolve isso. Coisa que se a gente estiver morando num bairro fora que não seja o condomínio, se o vizinho tiver reclamando você vai ter que ligar para a polícia. aqui não, tem os porteiros que podem vir e resolver isso. Coisa que eu não sabia também, a minha casa estava em reforma, para ligar a Makita é de 12h às 14h eu não sabia, justamente porque não vou muito para as reuniões. Mas aí interfonaram me avisando (INFORMANTE D, 2020).

A Informante L também pontua a organização interna e a segurança na resposta sobre o que mais gosta em morar no Vivendas, exemplificando com a possibilidade de andar a noite pelo condomínio dando a entender que no cenário urbano da cidade seja mais difícil ter tranquilidade nesse horário:

Autor: O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Informante L: Gosto dele ser um ambiente organizado; ser bastante grande; ser próximo à paróquia que frequento; e por trazer uma sensação de segurança (por exemplo, poder passear por ele à noite). (INFORMANTE L, 2020).

Já a Informante M compara o condomínio com uma cidade pacata, demonstrando esse caráter de mimetização da cidade pertinente ao condomínio horizontal, livre do caos urbano, passada pelos condomínios horizontais:

Autor: O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Informante M: É a sensação de segurança de uma "cidadezinha pacata" dentro de uma média cidade que é Aracaju (INFORMANTE M, 2020).

O Informante Q, também deixa implícito na sua resposta a qualidade de vida atrelada ao condomínio; ao relatar a tranquilidade e a boa convivência com os condôminos como motivos do que mais gosta do Vivendas:

Autor: O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Informante Q, sexo masculino, 62 anos: A segurança, tranquilidade, a boa convivência entre os condôminos e consequentemente o bem estar (INFORMANTE Q, 2020).

A Informante U, sexo feminino, 66 anos, além da segurança e tranquilidade muito citadas pelos moradores, responde também a limpeza do Vivendas e ao se incluir nesse cuidado, associa estes aos moradores do condomínio:

Autor: O que você mais gosta de morar no Condomínio Vivendas de Aracaju?

Informante U: A tranquilidade, a segurança, a limpeza e os cuidados que temos. Gosto muito de morar aqui (INFORMANTE U, 2020).

Apesar da organização do condomínio, mediante a administração do síndico e reuniões de condomínio, a Informante E chama a atenção para um problema que ocorre dentro do Vivendas, e que ela juntamente com outros vizinhos tentaram resolver; porém com a mudança de síndico os projetos acabaram não tendo desenvolvimento:

Autor: E você gosta de morar no Vivendas?

Informante E: Adoro. Só não gosto do abandono de gatos que ocorre aqui há muito tempo e agora com a pandemia piorou muito e são só eu e umas poucas pessoas que se importam com os abandonados e corre atrás de adoção para os bichinhos. Eu participava de uma comissão que foi formada para cadastrar os animais que tem dono no condomínio e assim podermos identificar exatamente quantos abandonados tem aqui. Mas acabou não indo adiante quando entrou o novo síndico.

Autor: Isso preveniria até certo ponto o abandono, né?

Informante E: Exatamente.

Autor: São os próprios moradores que abandonam?

Informante E: Às vezes sim e às vezes são animais colocados aqui. Pensei que as câmeras fossem resolver este problema, mas não adiantou nada. Agora com a pandemia, foram 8 filhotes abandonados aqui no condomínio de abril para cá.

Autor: Aí tem câmeras pelo condomínio?

Informante E: Foi colocada ano passado. (INFORMANTE E, 2020).

Mesmo sendo um espaço caracterizado pela segurança (mediante muros e equipamentos de segurança), como também pela estética de cidade perfeita, o condomínio Vivendas também apresenta problemáticas de relacionamento dos moradores, como também a ocorrência de alguns delitos pontuais; que ficaram evidentes mediante ao questionamento sobre o assunto nas conversas com alguns dos informantes. Talvez devido ao tamanho do Vivendas, ou ao possível abafamento dos ocorridos para não gerar insegurança; muitos dos moradores responderam não ter conhecimento de nenhuma ocorrência de delito dentro do condomínio.

Autor: E aqui no condomínio você já soube de algum delito?

Informante D: Já sim, recente. Roubaram uma Tv, e em outra casa uma bicicleta. Foi de madrugada. No caso da bicicleta eu soube que o condomínio pagou (INFORMANTE D, 2020).

Autor: Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Informante Q: Sim, só que de pequena proporção, nada desabonador (INFORMANTE Q, 2020).

Importante observar que o condomínio ressarcia o morador, demonstrando o reconhecimento da responsabilidade na falha do que ele foi criado e é pago para ser: seguro. É possível perceber na resposta do Informante Q, que relatou que já foi síndico do Vivendas, uma possível minimização do delito que ele teve conhecimento, afirmando ter sido

de pequenas proporções, não tendo sido “desabonador”. Tendo em vista que a pergunta girava em torno de ter conhecimento de algum delito, e ele ter respondido pontuando a proporção. Mas de fato há de se levar em consideração que mediante os aparatos de segurança e vigilância, os delitos sejam de pequenas proporções.

É possível perceber que os moradores do Vivendas sentem uma qualidade de vida, seja ela atrelada a segurança ou por ser um espaço que têm uma administração que não é a do Estado, e se apresenta de forma mais bem cuidada que a cidade. E ainda que mesmo todos os aparatos de segurança e vigilância não conseguem evitar delitos, ou transtornos causados pelo coletivo. E os próprios moradores reconhecem que essa segurança não é infalível, porém para alguns foi a única forma possível de voltar a viver com tranquilidade.

3.4.3 O Imaginário do condômino sobre o morar murado

Para poder entender e subsequentemente analisar o imaginário do condômino do Vivendas de Aracaju sobre o morar murado bem como a relação destes com a cidade, nas conversas com os moradores informantes no final das perguntas foi questionada a opinião deles sobre os possíveis impactos, positivos ou negativos, do Condomínio Vivendas de Aracaju sobre a cidade. E assim, através da obra de Guy Debord, analisar como a segurança mercadoria perpetua uma cristalização da visão do mundo, através da representação que se criou da vida e a consequente separação dos homens entre si.

Quando questionada sobre os possíveis impactos do condomínio para a cidade, a informante H considera que os impactos são positivos, onde ao retirar do poder público a responsabilidade com os cuidados para determinada região, poderia beneficiar o desenvolvimento em outras regiões, além de uma melhor prestação de serviços; bem como a geração de empregos.

Autor: Você acha que o condomínio causa algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Informante H: Positivo por trazer uma melhor organização dos serviços prestados, trazendo uma responsabilidade maior dos seus moradores pela preservação, utilização dos recursos disponíveis, tirando de certa forma do Poder público essa responsabilidade, liberando para cuidar de outras localidades. Sendo também um gerador de empregos diretos e indiretos (INFORMANTE H, 2020).

A maioria dos informantes consideram os impactos do Vivendas de Aracaju positivos para a cidade, boa parte destes atrelam isso a geração de empregos que as necessidades do condomínio demandam; como expôs a informante G:

Autor: Você acha que o condomínio causa algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Informante G: Eu penso que é positivo porque oferece muitos empregos. No caso do Vivendas que tem quase 500 casas e muitas praças a administração precisa de muitos funcionários para manter a limpeza, segurança, manutenção dos jardins [...] (INFORMANTE H, 2020).

O informante Q pontua que ainda que de forma discreta, devido aos cuidados que são demandados ao condomínio, o condomínio é um espaço “apresentável” para a cidade:

Autor: Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Informante Q: Sim, embora de forma um pouco discreta, causa impacto positivo, dado as suas peculiaridades, tais como: arborizado, apresentável, e seguro, além de outros (INFORMANTE Q, 2020).

A informante F de certa forma, assim como o informante Q, também acredita que o condomínio seja apresentável e por isso visto com bons olhos pelas pessoas e que consequentemente valoriza o seu entorno:

Autor: Você pode falar o porque acha positivo?

Informante F: Acredito que as pessoas veem os condomínios com bons olhos. Acredito também que condomínios dão maior valor econômico às construções em sua volta (INFORMANTE F, 2020).

A informante M afirma que o condomínio passa a qualidade de vida e enumera o que considera impacto positivo, porém a características pontuadas por ela só refletem os impactos positivos para os próprios condôminos (que são apenas uma parte da cidade) e não para a cidade de um maneira geral:

Autor: Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Informante M: Impacto positivo. Pois passa a ideia de qualidade de vida: a sensação de segurança que permite aos moradores saírem às ruas altas horas para fazer caminhada, ter um contato maior com a natureza presente ao longo das praças, puder levar o filho à pracinha [...] (INFORMANTE M, 2020).

Já a informante L, considera que o condomínio é uma modalidade do morar que funciona e por isso seus impactos positivos e acrescenta que esse impacto possa incentivar a implantação de outros condomínios em Aracaju:

Autor: Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Informante L: Acredito que positivo, por ser um condomínio dessa modalidade de ser composto por casas que dá certo, o que pode incentivar que se façam mais condomínios assim em Aracaju (INFORMANTE L, 2020).

É possível afirmar através das respostas dos moradores, ao considerar que em sua maioria os condôminos acreditam que o condomínio gera impactos positivos para a cidade, e da obra *A Sociedade do espetáculo* (DEBORD, --) a cristalização da visão do mundo dos moradores que consomem a segurança enquanto mercadoria, e a partir disso levam em consideração apenas os impactos positivos nas próprias vivências de morar seguro. Não levando em consideração que nem todos podem pagar por essa vivência tranquila, como também ao considerar a geração de empregos como positivo e não a possibilidade de todos terem uma vida com segurança e tranquilidade.

Porém como dito, nem todas as respostas consideraram apenas impactos positivos, dentre estas a da informante T que respondeu que o condomínio não oferece nenhum perigo e nem ameaça, e dessa forma não afeta em nada a cidade:

Autor: Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Informante T: Nem positivo nem negativo, porque não oferece nenhum perigo ou ameaça a ninguém. Nem afeta a cidade em nada. (INFORMANTE T, 2020).

O que ainda acaba por ser uma visão cristalizada sobre o condomínio e sobre a cidade, bem como os seus impactos a esta. Essa cristalização se dá a partir da vivência com a violência urbana bem como do imaginário da insegurança que se cria sobre os espaços públicos. Sendo possível perceber isso nas narrativas dos condôminos sobre o espaço urbano. Quando questionados sobre o meio de transporte que utilizam para circular na cidade, todos os moradores responderam utilizar o carro, onde minoria respondeu que além do carro às vezes optam por andar.

Autor: Você costuma andar a pé fora do condomínio?

Informante B: Não, fora do condomínio eu só ando de carro! Ando a pé de jeito nenhum...

Autor: Por receio?

Informante B: É, você não sente segurança (INFORMANTE B, 2020).

O informante B deixa claro que na cidade só utiliza o carro como meio de transporte, por não sentir segurança em andar no espaço público. Assim como a informante C que até chegou a citar que poucas vezes optava por andar, mas acabou se corrigindo e afirmando que só utiliza o carro:

Autor: E quando você sai do condomínio que meio de transporte utiliza?

Informante C: Sempre carro, poucas vezes andando... a gente só sai de carro mesmo. (INFORMANTE C, 2020).

Autor: E quando você sai na rua se sente segura?

Informante D: Eu tenho medo, já fui roubada aqui fora. Indo para a academia na rua Acre e eu fiquei surpresa que não era um carro simples, era arrumado. Parou e me abordou: passa o celular agora! (INFORMANTE D, 2020).

A informante D afirma não se sentir segura andando na cidade e relata um assalto que viveu próximo ao Vivendas, e acrescenta que não esperava por se tratar de um carro “arrumado” demonstrado estereótipos que se criam a cerca de criminosos.

É possível afirmar que o espetáculo da segurança demanda mercadorias a fim de passar a ideia de proteção seja através do morar, a partir de apetrechos de segurança e podemos perceber que também na circulação do espaço da cidade. Onde há a necessidade da proteção do carro, e mais carros na cidade demandam cidades para carros. E que esse impacto negativo acaba passando de modo geral despercebido pelos condôminos que vivem em uma representação de cidade. Porém houve a informante E, que foi a única a pontuar impactos negativos que ela entende que o condomínio Vivendas causa para a cidade de Aracaju:

Autor: Você acha que o condomínio traz algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Informante E: Acredito que pensando na questão urbanística, o paredão que tem na rua Acre por conta do grande muro do condomínio não é bom para as pessoas que circulam caminhando na região pois torna mais inseguro o local, a cidade precisa ser pensada para as pessoas, mas nossos modelos de cidade são pensados apenas para os carros pois se fosse pensado para pessoas, não seria permitido um muro tão extenso. Acho que os condomínios da cidade como um todo (tanto de casa, como de apartamentos) não favorecem a vida dos pedestres. O modelo europeu é perfeito, comércio na parte de baixo e moradia em cima ou pequenos condomínios com zonas de comércio próximas que a pessoa consegue comprar tudo sem precisar de carro. Meu filho mora em Praga e antes morou em Budapeste e vive muito bem sem carro lá. Aqui ele não dava um passo sem o carro. Nós seguimos o modelo americano, de fazer a cidade para os carros.

Autor: Sim, as nossas cidades são projetadas para carro, infelizmente

Informante E: Na Europa eles têm uma preocupação maior com o coletivo e sistemas de transporte eficientes. Mãe de arquiteta (risos) ela me fez enxergar muitas coisas. (INFORMANTE E, 2020).

A informante E têm consciência que a grande porção de muro que o condomínio oferece, nesse caso para a Rua Acre, acaba por afetar na insegurança das pessoas que por ali passam e acrescenta ainda que esse modelo de cidade é pensado no

fluxo de carros e não de pedestres. E pontua ainda a importância de regiões mistas, que abrangem moradia e comércio, a fim de atenuar os impactos que o carro impõe a cidade como também com relação a segurança dos pedestres. Ao final a informante E afirma que a sua percepção se dá através de conversas com a filha que é arquiteta e urbanista; ficando perceptível que de maneira geral os condôminos não enxergam os impactos negativos que o seu modo de morar reflete na cidade, e que essa discussão precisa se expandir para além da área do conhecimento do urbanismo.

Através das principais palavras ditas pelos moradores do Vivendas de Aracaju, nas entrevistas, a respeito do morar murado, foi construída uma nuvem de palavras como forma de sintetizar esse imaginário do condômino sobre o seu modo de morar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência de vivência do espaço urbano, enquanto cidadão e profissional, o presente trabalho propôs uma análise crítica sobre os impactos da insegurança urbana, atrelada a um sistema capitalista, sobre a cidade. Onde essa conjunção acaba por encontrar soluções em técnicas segregacionistas, levando em consideração a transformação que vem ocorrendo da segurança em mercadoria e assim culminando nos muros do condomínio fechado.

Para construção e desenvolvimento desse raciocínio foi adotado como estudo de caso o condomínio Vivendas de Aracaju, onde buscou-se através de conversas com alguns moradores adotados como informantes chave a compreensão do imaginário destes sobre o morar murado e como essa experiência pode acarretar em uma visão homogeneizada da cidade, sendo esse questionamento embasado pela teoria crítica de Guy Debord a qual o autor trata da alienação fruto do modo capitalista e da sua organização social e como estes fatores acabam por consolidar em uma separação, bem como uma representação da vida.

Assim partiu-se de uma compreensão do contexto ao qual Vivendas de Aracaju está inserido, fazendo uma análise do bairro Siqueira Campos o qual residi durante os 16 anos que morei em Aracaju e pude ao decorrer desse tempo de vivência, observar as mudanças que o mercado gerou e vem gerando no bairro. Sendo também abordado o seu contexto histórico, um bairro que surgiu às margens da cidade formal (quadrado de Pirro) abrigando uma população marginalizada e de operários, mas que se desenvolveu juntamente com a capital chegando a ser o bairro populoso de Aracaju, reforçando sua característica de bairro residencial que vem sendo afetada pela grande inserção do comércio na região e a consequente especulação imobiliária.

Assim através de observações e da metodologia de pesquisa adotada foi possível compreender o contexto da relação do condomínio com o bairro, onde o muro cumpre sua função de barreira criando uma separação física entre o Siqueira Campos e o Vivendas com um respiro apenas nas relações com o conjunto Costa e Silva (que representa uma parte planejada do Siqueira Campos), devido ao acesso do condomínio ali presente e essa ser uma região com empraçamento e alguns comércios. Por se tratar de um condomínio de casas, e por esse fator ser

considerado seguro, atrelado a sua localização numa região central de Aracaju, o condomínio Vivendas vem passando por um processo de valorização do mercado imobiliário. Sendo pertinente pontuar que mesmo com projeções futuras de diminuição da população do Siqueira Campos pela Prefeitura, esse conjunto de 485 residências sempre existirá ali, esta população diferentemente dos que precisaram migrar para outras regiões tem o poder - capital - de continuar ali.

Além da compreensão dos impactos do mercado no bairro Siqueira Campos, este trabalho objetivou compreender os impactos deste no imaginário do condômino enquanto consumidor de uma segurança mercadoria e os seus efeitos separatórios que abarcam tanto o campo do espaço físico (muros), como também o do imaginário. Guy Debord, caracteriza o mundo do espetáculo capitalista como o mundo da representação em si e isso se confirmou com o imaginário dos informantes chaves, do Vivendas. Foi possível perceber que eles não enxergam os impactos negativos que o muro do Vivendas causa na cidade, de maneira geral eles não consideram que ao lado da “cidadezinha pacata” em que eles vivem, existem problemas de outra realidade social, como precisar migrar para regiões mais distantes e menos estruturadas da cidade. Ficou visível ainda, que no imaginário deles o condomínio é bem cuidado e apresentável e por isso deveria se incentivar a fazer mais pela cidade.

Mas quem não pode pagar pela segurança e beleza do Condomínio? Pelas narrativas da maioria dos informantes chaves, fica o imaginário que considera apenas os impactos positivos que os condomínios proporcionam às cidades: geração de empregos. Foi pontuado pelos moradores também, uma visão positiva quanto a terceirização de serviços de responsabilidade do Estado para âmbitos do privado, como o caso do condomínio, como também que essas responsabilidades de cuidado se direcionam aos condôminos através da tomada de decisões nas reuniões de condomínio. Porém, referente a este último ponto pode-se observar que poucos são os moradores que declararam participar dessas reuniões demonstrando pouco interesse com a vida em comunidade de uma maneira geral.

É importante pontuar que a única informante que enxerga pontos negativos na relação do Vivendas com a cidade, atrelou seu ponto de vista devido às conversas

com a filha arquiteta e urbanista. Ficando visível que essa análise crítica, de maneira geral, sobre o espaço público permeia principalmente o meio acadêmico; onde para as massas o mercado oferece mercadorias paliativas afirmando seu caráter separatório pontuado por Debord, e esta oferta no caso do condomínio fechado é uma representação, representação de uma cidade higienizada, uma cidade com as suas problemáticas maquiadas.

As problemáticas urbanas não se resolvem do dia para a noite, a cidade contemporânea é um organismo atravessado por vários interesses: do Estado, do sistema econômico, de classe, de pessoas que buscam no cenário das grandes cidades uma melhora de vida, assim como meus pais que mudaram para a capital Aracaju há 17 anos atrás. E essa concentração de riquezas atrelada a possibilidades de sobrevivência, nos grandes centros urbanos são responsáveis por uma constante migração e conseqüentemente o seu inchaço, ocasionando em espaços e relações desiguais. Onde para atenuar essas questões se faz necessária a discussão sobre um urbanismo difuso, onde outras regiões possam receber investimentos da iniciativa pública como da privada. E assim surjam várias cidades médias, ao invés de metrópoles.

Assim esse trabalho se propõe a criar uma discussão crítica sobre a produção de cidade que o mercado capitalista impõe, onde adotei como recorte esses impactos sobre o bairro em que cresci, quando mudei do interior da Bahia para a capital Sergipana, e me tornei cidadão. E assim eu agradeço com essa breve reflexão, fruto do meu olhar crítico, que foi construído em uma universidade pública do Estado que me acolheu.

REFERÊNCIAS

ALVES, Verena Holanda de Mendonça et al. **Medo e mercado: o crescimento da segurança privada**. 2019.

ARAUJO, Fernanda. **Siqueira: o bairro que impulsionou o desenvolvimento econômico de Aracaju**. 2018. Disponível em: <https://www.f5news.com.br/cotidiano/siqueira-o-bairro-que-impulsionou-o-desenvolvimento-economico-de-aracaju-_45551/>. Acesso em: 01 de janeiro de 2021 às 12:14.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social: Da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 34. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1991.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Original de 1967. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Cíntia San Marin. **Ação comunicativa e comunidade reflexiva: uma nova abordagem para se pensar a dinâmica entre meios de comunicação de massa, espaço público e diversidade cultural no Brasil**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2020.

FERREIRA, Napoleão. **A Ideia de Muro**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves. **Estado e Mercado na produção contemporânea de habitação em Aracaju - SE**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal Fluminense, 2016.

FRANÇA, Vera Lucia Alves. Diagnostico da Cidade de Aracaju. **Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju**, 2014.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas, SP : UNICAMP; São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2004.

NASCIMENTO, Elaine Vasconcelos. **Projeto de intervenção em calçadas do bairro Siqueira Campos em Aracaju-SE**. 2014.

MOVIMENTO SEM TERRA. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <<https://mst.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 21 de outubro de 2020 às 10:55.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana; PARDO, Maria Benedita Lima. **Fábrica de cimento Portland: impactos ambientais e gestão de conflitos ambientalistas no bairro América (1975-1984)**. Scientia Plena, v. 3, n. 5, 2012.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro : Sinergia: Relume Dumará, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SIGNATES, Luiz. **Limites e Possibilidades: os caminhos da comunicação social na obra de Jürgen Habermas**. Anais do X Encontro Anual da Compós, USP, São Paulo, 2001.

SILVA, César Henrique Matos e. **Espaço público político e urbanidade: o caso do centro da cidade de Aracaju**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, 2009.

SOUZA FILHO, Florival José de et al. **Candomblé na cidade de Aracaju: território, espaço urbano e poder público**. 2010.

SOUZA, Salim Silva; FERRO, Marcos Batinga. **Grupo espírita Irmão Fêgo: pionerismo no desenvolvimento da educação infantil e espírita em Sergipe**. 2013.

TERRA, Livia Maria. **Negro suspeito, negro bandido: um estudo sobre o discurso policial**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.

ANEXOS

Entrevista 1. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.

Informante, sexo feminino, 78 anos.

Quanto tempo você mora aqui (Condomínio)?

Tem uma faixa mais ou menos de uns 12 anos, por aí. Se não for mais [...]

Antes de morar aqui, onde você morava?

Na Rafael de Aguiar (rua).

Em casa?

Casa!

Você gostava de morar lá?

Gostava e a minha casona boa maravilhosa, gostava mais ainda!

Porque você saiu de lá?

Com medo dos ladrões.

Mas, chegou a acontecer alguma coisa?

Chegou, um dia eu fui trabalhar quando eu cheguei, não me levaram porque eu não estava em casa (risos). Levaram tudo! Minhas joias todas, tudo, tudo, tudo! Até o que tinha dentro da geladeira viajou, foi de caminhão. Levaram tudo!

Depois disso você ficou com medo de morar lá?

Ah, sai de imediato.

O primeiro lugar que você olhou para morar foi aqui?

Foi aqui que eu vim, ver as casinhas, e era umas casinha pebinha. E eu comprei esta, e ficou aqui uma faixa de uns...acho que foi mais de 4 anos fechada, para poder eu fazer a reforma e continuei morando lá.

Quando você mudou, gostou de morar aqui?

Gostei porque me senti mais segura, mas assim o relacionamento com o povo não tem nenhum até hoje.

É diferente de morar numa casa na rua?

Ah, lá se eu me candidatasse para alguma coisa eu ganhava! Todo mundo conhecia e ali era um por todos e todos por um.

[...] aqui é diferente?

É diferente, eu não sei nem o nome dos meus vizinhos.

**Entrevista 2. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante, sexo masculino, 59 anos.

Tem quanto tempo que você mora aqui?

Uns 15 anos mais ou menos.

Bastante tempo! Acho que o condomínio tem mais ou menos isso, não?

É, mais ou menos da época do condomínio, quando ele (condomínio) tava terminando a construção eu fui comprando a casa!

E antes de morar aqui você morava em casa, apartamento?

Morava em casa, morava no Bugio (bairro).

E porque você optou por vir morar aqui?

Mais seguro né! É condomínio, ele ainda é um local que oferece um pouco de segurança para a gente. Soltar criança para brincar na rua hoje é difícil, muito arrisca né e o condomínio fechado, já é mais limitado a entrada de pessoas. A gente sente um certo conforto, uma segurançazinha. Não é que é o melhor... o lugar mais seguro do mundo, mas ainda é um lugar bom para se morar, é condomínio... condomínio fechado. E na realidade aí fora tá muito complicado. Aqui você senta, fica com o celular na mão, lá fora você não consegue... mesmo numa praça pública aí, você pode sentar, mas fica preocupado... podem tomar! Mas aqui já é mais difícil, não vou dizer que não pode acontecer... pode né, porque o mundo tá muito difícil da gente viver, mas a gente até fica mais tranquilo aqui com as crianças brincando.

Você costuma andar a pé fora do condomínio?

Não, fora do condomínio eu só ando de carro! Ando a pé de jeito nenhum [...].

Por receio?

É, você não sente segurança.

Você gosta daqui (condomínio)?

Ah, aqui é excelente, um condomínio muito bom. Eu acredito que todos condomínios são assim, são bons também. Por causa dessa segurança, dessa tranquilidade que traz, você pode ficar à vontade, você tem um portão para abrir para você passar, ele

fecha. Então isso aí já dá uma impressão boa. As pessoas que entram são convidadas, não é qualquer pessoa que entra. Para entrar, pode ser um funcionário, uma diarista, a gente que libera a entrada para eles. Então a gente sente um pouco de segurança, não tem jeito!

Você conhece seus vizinhos? Se relaciona bem, convive?

Quando a gente tem um tempinho a gente conversa um pouco, só que assim a realidade da vida é muito complicada a gente quase nem tem tempo para conversar. Mas a gente sempre tá conversando quando vê, cumprimenta. Porque o tempo é pouco, a correria... quando sobra 1 horinha assim aí os filhos, os netos pedem sua atenção aí você tem que [...] não dá nem tempo de ir na casa do vizinho.

Você sempre vem a pracinha pela tarde?

É, eu sempre venho né porque tem a netinha, ela me cobra muito, ela não gosta de ficar em casa. Aí sempre que eu tenho um tempinho a tarde eu puxo ela para cá, até para ver se a noite ela está mais tranquila.guardo um pouco, porque vai ser difícil levar ela de volta (risos) aí tô esperando escurecer, porque aí eu digo: Oh, a lua tá chegando. Para ver se ela vai, porque para ir agora é complicado!

**Entrevista 3. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante, sexo feminino, 46 anos.

Há quanto tempo você mora aqui no Vivendas?

02 anos.

Antes de morar aqui você morava em casa ou apartamento?

Casa, morei 20 anos no Santa Lúcia.

E porque resolveu mudar para o Vivendas?

Por causa da segurança. Fui assaltada na minha casa, na porta mesmo de casa. Eu estava chegando, 8 horas da manhã, daí o cara botou uma arma na minha cabeça. Foi bem traumatizante, até quando cheguei aqui tinha medo de ficar na porta. Porque acostumada com lá de surgir alguma coisa, um motoqueiro. Mas agora tô tranquila, o que me trouxe foi a segurança. É uma falsa segurança, mas é mais seguro de que [...].

E vocês optaram por uma casa?

É, meu marido não gosta de apartamento, então a gente ficou procurando um condomínio de casa mesmo. Só tinha mais para o lado da Orla né, de lá da Expansão... mas como a minha mãe mora para cá, a gente preferiu aqui. É bem centralizado, pertinho do centro.

Você conhece seus vizinhos? Convivem?

Conheço os daqui do lado, direito e esquerdo, a gente se relaciona bem.

Você frequenta as áreas comuns?

Muito pouco, vai passando o tempo a gente deixa de andar nas praças, já conhece. Mas de vez em quando faço caminhada.

E quando você sai do condomínio que meio de transporte utiliza?

Sempre carro, poucas vezes andando, a gente só sai de carro mesmo.

**Entrevista 4. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante, sexo feminino, 37.

Há quanto tempo você mora aqui?

10 anos.

E antes de morar aqui, você morava em casa ou apartamento?

Sempre morei em casa.

E porque você resolveu mudar para o Vivendas?

Minha mãe ganhou essa casa do meu padrasto, daí viemos morar aqui.

E você gosta?

Com certeza, mais seguro. Não tem bagunça, barulho. Porque aqui a gente paga o condomínio, se alguém tiver fazendo barulho a gente já interfona e resolve isso. Coisa que se a gente estiver morando num bairro fora que não seja o condomínio, se o vizinho tiver reclamando você vai ter que ligar para a polícia. aqui não, tem os porteiros que podem vir e resolver isso. Coisa que eu não sabia também, a minha casa estava em reforma, para ligar a Makita é de 12h às 14h eu não sabia,

justamente porque não vou muito para as reuniões. Mas aí interfonaram me avisando.

E você conhece os seus vizinhos?

Tem uma boa convivência, mas não sou de tá na casa de ninguém, às vezes esse horário sento aqui na porta por causa da minha filha, ela gosta de tá brincando no parquinho.

E quando você sai na rua se sente segura?

Eu tenho medo, já fui roubada aqui fora. Indo para a academia na rua Acre e eu fiquei surpresa que não era um carro simples, era arrumado. Parou e me abordou: passa o celular agora!

E aqui no condomínio você já soube de roubo?

Já sim, recente. Roubaram uma TV, e em outra casa uma bicicleta. Foi de madrugada. No caso da bicicleta eu soube que o condomínio pagou.

Entrevista 5. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.

1 arquivo .mp3.

Informante, sexo feminino, 53 anos.

Há quanto tempo você mora no Vivendas?

15 anos.

Qual a composição familiar atual na sua casa?

Mora eu, meu marido e meu filho caçula. Os outros dois filhos não moram mais comigo.

Antes de morar no vivendas, vocês moravam em casa, apartamento?

Apartamento.

Você se sentia segura lá?

Sim.

Porque vocês resolveram mudar para o vivendas? Foi a primeira opção?

Meu esposo sempre quis morar em casa, para ter espaço (varanda) para mexer nas motos dele, mas eu nunca quis morar em casa por achar insegura. Então quando

meu pai quis vender o apartamento que a gente morava e comprar uma casa aqui, todos gostamos da ideia, pois também teria mais espaço para o caçula que na época tinha 9 anos brincar e por ser condomínio fechado é seguro. Minha irmã mora aqui desde o início do condomínio, então já conhecíamos o condomínio.

E você gosta de morar no Vivendas?

Adoro. Só não gosto do abandono de gatos que ocorre aqui a muito tempo e agora com a pandemia piorou muito e são só eu e umas poucas pessoas que se importam com os abandonados e corre atrás de adoção para os bichinhos. Eu participava de uma comissão que foi formada para cadastrar os animais que tem dono no condomínio e assim podermos identificar exatamente quantos abandonados tem aqui. Mas acabou não indo adiante quando entrou o novo síndico.

Isso preveniria até certo ponto o abandono, né?

Exatamente.

São os próprios moradores que abandonam?

As vezes sim e às vezes são animais colocados aqui. Pensei que as câmeras fossem resolver este problema, mas não adiantou nada. Agora com a pandemia, foram 8 filhotes abandonados aqui no condomínio de abril para cá.

Aí tem câmeras pelo condomínio?

Foi colocada ano passado. Sei que agora você não está saindo por causa da pandemia.

Mas normalmente, você frequenta as áreas comuns do condomínio, como as praças, o comércio interno?

Normalmente não.

Você conhece seu vizinhos, têm um convívio com eles?

Sim. Tanto conheço vizinhos próximos e afastados. Eu vendo Avon e Natura então tenho algumas clientes aqui dentro. No momento estou sem vender por causa da pandemia.

E quando você sai de casa, costuma usar qual meio de transporte? carro, transporte público, sai a pé?

Carro.

Aí no Vivendas você já soube de algum delito ou algo do tipo?

Que eu me lembre não.

Você acha que o condomínio traz algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Acredito que pensando na questão urbanística, o paredão que tem na rua Acre por conta do grande muro do condomínio não é bom para as pessoas que circulam caminhando na região pois torna mais inseguro o local, a cidade precisa ser pensada para as pessoas, mas nossos modelos de cidade são pensados apenas para os carros pois se fosse pensado para pessoas, não seria permitido um muro tão extenso. Acho que os condomínios da cidade como um todo (tanto de casa, como de apartamentos) não favorecem a vida dos pedestres. O modelo europeu é perfeito, comércio na parte de baixo e moradia em cima ou pequenos condomínios com zonas de comércio próximas que a pessoa consegue comprar tudo sem precisar de carro. Meu filho mora em Praga e antes morou em Budapeste e vive muito bem sem carro lá. Aqui ele não dava um passo sem o carro. Nós seguimos o modelo americano, de fazer a cidade para os carros.

Sim, as nossas cidades são projetadas para carro, infelizmente

Na Europa eles têm uma preocupação maior com o coletivo e sistemas de transporte eficientes. Mãe de arquiteta kkkkk ela me fez enxergar muitas coisas.

**Entrevista 6. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante, sexo feminino, 41 anos.

Há quanto tempo você mora no Vivendas?

8 anos.

E antes de morar no Vivendas, você morava em casa ou apartamento?

Casa, no interior.

Você se sentia segura lá?

Não sentia a mesma segurança que tenho hoje.

A mudança para o Vivendas foi quando você mudou para Aracaju também?

Sim.

E quais os motivos que te levaram a escolher o vivendas pra morar?

Essa casa era do meu cunhado. Nós tínhamos uma casa em Laranjeiras e vendemos, porque houve um incidente lá com meu sogro. Ele foi assassinado. Meu

cunhado tinha comprado um apartamento e nos vendeu essa casa por um preço bom. Foi por oportunidade mesmo.

E você sentiu diferença da casa em que você morava, para uma casa em um condomínio? se sim, quais?

Sim. Com certeza. O principal é a questão da segurança. Aqui estamos um pouco mais protegidos.

E no Vivendas você conhece seus vizinhos? Vocês têm uma relação próxima?

Conheço várias pessoas no condomínio, não tenho nenhuma relação próxima a vizinho não. Conheço alguns. Não todos.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio? tipo as praças, o comércio interno.

Sim. Passeio com os cachorros toda manhã e tarde, geralmente passo pelas praças. Vou na mercearia comprar algumas coisas e salão de beleza.

Qual a composição familiar da sua casa?

Eu, meu marido, meu filho e os cachorros.

Quando você sai de casa, fora do condomínio, qual meio de transporte você costuma usar? Carro, transporte público, andando.

Carro.

Você opta pelo carro por considerar mais prático, ou também por se sentir mais segura?

Mais prático.

Dentro do condomínio você já soube de algum caso de roubo ou delito?

Não.

Você acha que o condomínio gera algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Acredito que positivo.

Você pode falar o porquê acha positivo?

Acredito que as pessoas veem os condomínios com bons olhos. Acredito também que condomínios dão maior valor econômico às construções em sua volta

**Entrevista 7. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 64 anos.

Há quanto tempo você mora no vivendas?

19 anos.

Antes você morava em casa ou apartamento?

Apartamento, mas já morei em casa também.

E o que levou você a sair do apartamento e escolher o vivendas?

O apto. em que morávamos não tinha elevador era no quarto andar e minha mãe era acamada precisávamos de um local mais adequado para nossa realidade. Escolhemos o vivendas por ser casa e por ser condomínio.

Por ser condomínio, você diz ser mais seguro?

Exatamente mas além de ser mais seguro assim em relação às casas fora de condomínio tem também o fator mais privacidade e praticidade por exemplo não precisamos ficar esperando elevador.

Qual é a sua composição familiar atualmente?

Somos em 5 pessoas: eu, meu marido, minha filha, meu irmão e uma sobrinha.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio?

Sim.

Você conhece seus vizinhos? Tem convivência com eles?

Conheço, sei nome onde trabalha quantos filhos tem somos cordiais mas não temos convivência tipo frequentar a casa etc.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não costumo ir.

Quando você sai do condomínio, pra rua costuma usar que tipo de transporte?

Carro.

Morando aí no vivendas já soube de algum caso de roubo?

Não.

Você acha que o condomínio causa algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Eu penso que é positivo porque oferece muitos empregos. No caso do Vivendas que tem quase 500 casas e muitas praças a administração precisa de muitos funcionários para manter a limpeza, segurança, manutenção dos jardins [...].

Entrevista 8. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.

Informante sexo feminino, 46 anos.

Há quanto tempo você mora no Vivendas?

15 anos.

Antes de morar lá, onde você morava, casa ou apartamento?

Em uma casa, no bairro Luzia.

Você se sentia segura?

Não. Era uma rua próxima de uma avenida, com muita circulação de carros e pedestres facilitando furto.

Porque vocês resolveram mudar para o vivendas?

Pela aquisição de uma casa em um condomínio fechado, considerando a segurança e também pela localização. As ruas são muito seguras, podemos deixar o carro na maior tranquilidade.

Quando vocês moravam no Luzia, tinha contato com os seus vizinhos?

Sim.

E no vivendas, também existe essa relação com os vizinhos?

Sim.

Nesse tempo morando no vivendas, já houve algum caso de roubo?

Não.

Quando você sai, você costuma sair a pé? De carro? Transporte público?

De pé e carro.

No vivendas, você frequenta as áreas comuns, tipo praça?

Sim. O comércio e o salão de beleza. As praças, é muito bom no final do dia levar o cachorro para passear. E tem o momento de confraternização dos moradores na confraria.

Você costuma ir às reuniões de condomínio?

Sim, gosto de participar das decisões do condomínio.

Você acha que o condomínio causa algum impacto positivo ou negativo pra cidade?

Positivo por trazer uma melhor organização dos serviços prestados, trazendo uma responsabilidade maior dos seus moradores pela preservação, utilização dos recursos disponíveis, tirando de certa forma do Poder público essa responsabilidade, liberando para cuidar de outras localidades. Sendo também um gerador de empregos direto e indiretos.

**Entrevista 9. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 22 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Eu e minha mãe.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

4 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Apartamento, aqui no Siqueira mesmo.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Foi um upgrade, a casa aqui é melhor que a qual morávamos antes.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Por ser seguro e pelo conforto.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Não, a casa onde moramos foi toda reformada pelo morador anterior.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Apenas a vizinha ao lado.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, apenas as praças, é bom pra relaxar.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Sim.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Sempre carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

O conforto de morar em uma casa, em um lugar mais seguro.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Não sei responder.

**Entrevista 10. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 49 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Sou casada e tenho uma filha.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

Há 18 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Mudei para aqui assim que me casei.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Foi uma proposta interessante.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Pouco.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, as praças costumo ir com minha filha.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

O sossego.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Positivo. Hoje as pessoas procuram por um pouco mais de segurança.

**Entrevista 11. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 21 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Eu, minha irmã e minha mãe.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

4 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Apartamento.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Porque nós sempre quisemos morar em uma casa, sem ser em um apartamento.

Porque escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Porque, por ser um condomínio de casas, atendia o nosso desejo de morar numa casa e, por ser um condomínio fechado, nos traz também a segurança de que um condomínio comum é dotado.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Não.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim, temos relações com alguns, sobretudo os vizinhos das casas do lado a nossa e daqueles que são amigos do convívio da paróquia próxima ao condomínio que moram nele também.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Praças, para passear com meu cachorro e (antes do isolamento social) ficar com os amigos; quadra de esportes (também para ficar com os amigos); e comércio interno, para comprar as coisas necessárias aqui em casa

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Gosto dele ser um ambiente organizado; ser bastante grande; ser próximo à paróquia que frequento; e por trazer uma sensação de segurança (por exemplo, poder passear por ele à noite).

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Acredito que positivo, por ser um condomínio dessa modalidade de ser composto por casas que dá certo, o que pode incentivar que se façam mais condomínios assim em Aracaju.

Entrevista 12. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020. 1 arquivo .mp3.

Informante sexo feminino, 37 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Somos 4 pessoas: eu, esposo, filho e afilhada.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

6 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em apartamento.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Eu pretendia ter filho e queria que ele tivesse espaço para brincar, pudesse passear pelas ruas, andar de bicicleta, mas com segurança.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Justamente por possibilitar o que falei. E por ter me dado ao mesmo tempo uma grande sensação de segurança.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim. Conheço uma boa parte e tenho um certo convívio.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Parques, praças, quadra de esporte.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Sim.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Sim, já soube de um furto.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

É a sensação de segurança de uma "cidadezinha pacata" dentro de uma média cidade que é Aracaju.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Impacto positivo. Pois passa a ideia de qualidade de vida: a sensação de segurança que permite aos moradores saírem às ruas altas horas para fazer caminhada, ter um contato maior com a natureza presente ao longo das praças, puder levar o filho à pracinha [...].

**Entrevista 13. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo masculino, 59 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Eu e a esposa.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

18 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Em busca da segurança de um condomínio.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Pela localização.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, salões de festa e praças.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Sim.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Espaço e segurança.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Sim, positivo.

**Entrevista 14. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 48 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Sou casada e tenho 3 filhos.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

7 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Por motivos de segurança.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Fica próximo à casa de minha mãe.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, praça e às vezes o salão de festa.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

É um lugar tranquilo e seguro de morar.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Não.

Entrevista 15. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.

1 arquivo .mp3.

Informante sexo feminino, 49 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

3 pessoas, eu, marido e filha.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

17 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Por questão de segurança.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Por ser bem localizado.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Conheço de vista.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, a praça, porque levo os cachorros para passear.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Conforto e segurança.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Positivo, empregos.

Entrevista 16. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020. 1 arquivo .mp3.

Informante sexo masculino, 62 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

04 pessoas.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

18 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em apartamento.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Questão de comodidade.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Pela qualidade de vida que oferece.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim, tenho convívio com uma parte considerável de vizinhos, inclusive já administrei o condomínio como Síndico.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim. Praça, ruas e comércio.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Sim.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Sim, só que de pequena proporção, nada desabonador.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

A segurança, tranquilidade, a boa convivência entre os condôminos e consequentemente o bem estar.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Sim, embora de forma um pouco discreta, causa impacto positivo, dado as suas peculiaridades, tais como: arborizado, apresentável, e seguro, além de outros.

Entrevista 17. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.

Informante sexo feminino, 62 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

03 pessoas.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

17 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

A casa era muito pequena.

Porque escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Por ser perto de tudo que precisava.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, faço caminhada pelas ruas.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Tranquilidade.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Não.

Entrevista 18. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.

Informante sexo feminino, 58 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

É um pouco dispersa.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

17 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em Casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Mudança de cidade.

Por que escolheu o Vivendas de Aracaju para morar?

Por não gostar de apartamento e pela segurança.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim, costumo frequentar o comércio interno.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

Tranquilidade e segurança.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Positivo.

**Entrevista 19. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 54 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Eu e minha filha.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

3 anos e 8 meses.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em Casa, num sobrado.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Pelo fato de ir morar em um lugar com mais espaço e conforto, segurança, etc.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Não. Mas moro de aluguel e os proprietários realizaram.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Conheço alguns.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Uma vez ou outra utilizo. Utilizo a praça porque tem alguns aparelhos que dá pra fazer física e também o comércio interno. E também utilizo o salão de festa quando tem reunião ou algum aniversário.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não com frequência. Mas já fui.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Transporte particular, também uso Uber.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

O sossego, a tranquilidade e a segurança.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Positivo, porque não oferece nenhum perigo ou ameaça a ninguém. Nem afeta a cidade em nada.

**Entrevista 20. Entrevistador: Marcus Vinicius Sousa de Andrade. Aracaju, 2020.
1 arquivo .mp3.**

Informante sexo feminino, 54 anos.

Qual a sua composição familiar atual?

Duas pessoas.

Há quanto tempo você mora no condomínio Vivendas de Aracaju?

5 anos.

Antes de morar no Vivendas você morava em casa ou apartamento?

Em Casa.

Porque você resolveu mudar da sua residência anterior?

Segurança.

Porque resolveu mudar para o Vivendas de Aracaju?

Por recomendação de um amigo que já morava aqui.

Você já realizou alguma reforma na sua casa?

Sim.

Você conhece os seus vizinhos? Tem algum convívio com eles?

Sim, as colegas que fazem pilates aqui.

Você costuma frequentar as áreas comuns do condomínio, quais?

Sim. O mini mercado, A mimos que é uma lojinha de variedades aqui do condomínio, e o restaurante por comodidade.

Você costuma participar das reuniões de condomínio?

Não.

Você já soube de algum delito dentro do condomínio?

Não.

Quando você sai de casa (condomínio), qual meio de transporte costuma utilizar?

Carro.

O que você mais gosta de morar no Vivendas de Aracaju?

A tranquilidade, a segurança, a limpeza e os cuidados que temos. Gosto muito de morar aqui.

Você acha que o condomínio Vivendas de Aracaju gera algum impacto, positivo ou negativo, para a cidade? Quais?

Só positivo, como a geração de empregos e impostos.

CRÉDITOS DAS FOTOS DE CAPA

A foto que figura a capa principal, deste trabalho foi extraída do Google Maps em 2021. A foto foi editada pelo autor.